

COLEÇÃO
DESAFIOS

3ª
EDIÇÃO

Olavo Leonel Ferreira

MESOPOTÂMIA

O amanhecer da civilização



EDITORA
MODERNA

Olavo Leonel Ferreira

Formado em História e Geografia pela
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, SP.
Professor secundário da rede estadual de ensino
há mais de 30 anos.

MESOPOTÂMIA

O amanhecer da civilização





DIRETOR GERAL
Ricardo Feltre

DIRETOR EDITORIAL
Sérgio Couto

DIRETOR DE PRODUÇÃO
Eduardo Arissa Feltre

DIRETOR DE MARKETING
Edaury Cruz

DIRETOR ADM. FINANCEIRO
José Maria de Oliveira

DIRETOR DE PLANEJAMENTO
Ricardo Arissa Feltre

COORDENAÇÃO EDITORIAL
José Carlos de Castro

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Pascoal Soto

COORDENAÇÃO DE PREPARAÇÃO
Luiz Vicente Vieira Filho

PREPARAÇÃO DE TEXTOS
Helena Botelho Gomes Klimes

EDIÇÃO DE ARTE
Wanduir Durant

CHEFIA DE ARTE
Valdir Oliveira

CAPA E ILUSTRAÇÕES
Alcides Batista

PESQUISA ICONOGRÁFICA
Thaís H. Falcão Botelho

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Eduardo Camargo do Amaral

DIAGRAMAÇÃO
Giuseppina Peppina Giuseppa Scarponi

COORDENAÇÃO DE REVISÃO
Lisabeth Bansi Giatti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Olavo Leonel, 1938-
Mesopotâmia: o amanhecer da civilização /
Olavo Leonel Ferreira; ilustrações de
Alcides Batistal. — São Paulo : Moderna,
1993. — (Coleção desafios)

Inclui ficha de orientação de leitura.

1. Livros de leitura 2. Mesopotâmia - História
Literatura infanto-juvenil I. Batista, Alcides. II. Título. III. Série.
93-0377 CDD-372.412

Índices para catálogo sistemático:

1. Livros de leitura : Ensino de 1.º grau 372.412

ISBN 85-16-00794-4

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Afonso Brás, 431

Tel.: 822-5099

CEP 04511-901 - São Paulo - SP - Brasil
1993

Impresso no Brasil

Sumário

APRESENTAÇÃO	5	10. A religião sombria	44
1. A região entre rios	6	O aparecimento da religião, 44	
2. A descoberta da civilização perdida	10	A adoração aos deuses, 44	
3. O amanhecer da civilização: os sumérios	13	Culto religioso, 46	
A descoberta da Suméria, 13		11. A descoberta das ciências	48
A formação dos primeiros impérios, 15		A invenção da Matemática, 48	
A civilização suméria, 15		A descoberta do universo: a Astronomia, 49	
Decadência e fim da Suméria, 17		A Medicina mágica, 50	
4. O poderio babilônico	18	Outras ciências desenvolvidas pelos mesopotâmios, 51	
5. Assíria: o poder da força, a força no poder	20	12. O nascimento da lei	52
Os sargônidas e o fim do império assírio, 22		As primeiras leis, 52	
6. Os progressos na arte da guerra	26	O Código de Hamurabi, 52	
A arte bélica, 26		A lei de talião no Código de Hamurabi, 53	
O aparecimento dos carros, 27		O conteúdo do Código de Hamurabi, 53	
As técnicas de combate, 28		13. A invenção da escrita	55
As atrocidades das guerras, 29		A escrita mais antiga, 55	
7. O renascer de Babilônia	30	A escrita cuneiforme e sua decifração, 56	
8. Os dons da terra e a sobrevivência dos povos na Mesopotâmia	33	A literatura dos sumérios e dos babilônios, 58	
As atividades agrícolas, 33		A literatura mais antiga, 58	
A criação de gado, 34		14. O desabrochar da arte	62
As manufaturas, 35		Arte: expressão da fé, 62	
As riquezas minerais, 37		A pobreza material e o desenvolvimento artístico, 62	
O comércio, 37		A cidade dos homens, 63	
Os transportes e as comunicações, 38		A morada dos deuses e a casa dos reis, 64	
Dirigismo econômico na Mesopotâmia, 39		A escultura na Mesopotâmia, 65	
9. O cotidiano na Mesopotâmia	40	A pintura, 66	
As cidades, 40		A música e as artes menores, 67	
O povo, 41		CONCLUSÃO	68
As construções, 42		LINHA CRONOLÓGICA DA HISTÓRIA DA MESOPOTÂMIA	69
		BIBLIOGRAFIA	70

APRESENTAÇÃO

Este livro conta a história do nascimento da civilização. As pessoas, os lugares e as cidades que aparecem em suas páginas existiram há milhares de anos, em uma região conhecida pelo nome de Mesopotâmia.

Naquela época distante, no vasto continente americano, assim como em toda a Europa, os homens viviam ainda a sua Pré-História. Na África e na maior parte da Ásia existiam apenas aldeias insignificantes. Mas na Mesopotâmia alteavam-se já as torres dos templos, construções enormes que destacavam, contra o horizonte, o perfil recortado das primeiras cidades que surgiram na face da Terra.

O aparecimento dessas cidades, os governos que tiveram, os impérios que formaram e a vida de seus povos estão descritos nesta obra.

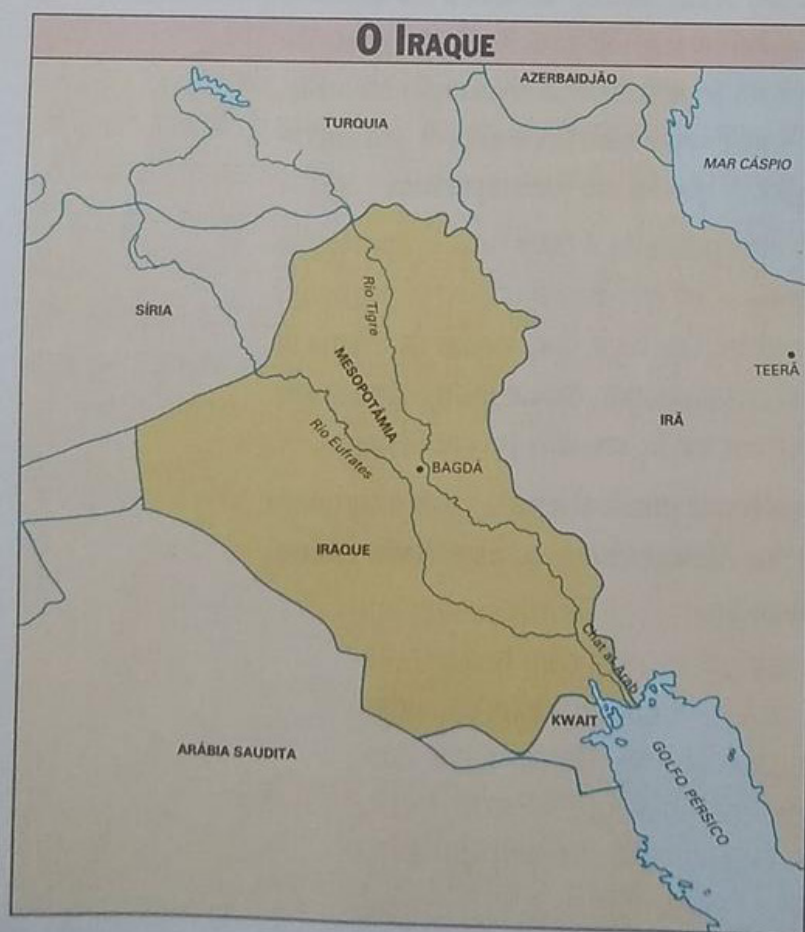
Até meados do século XIX, pouco se sabia da história mesopotâmica. As descobertas arqueológicas realizadas na região a partir de então revelaram ao mundo uma civilização brilhante, que se estendeu por três milênios e nada ficou a dever, em importância, à civilização egípcia, que foi sua contemporânea.

Estudar a história dos mesopotâmios é fazer uma longa viagem através do tempo que passou, ou reviver o cotidiano de povos que reverteram ao pó; é também descobrir que, vindas da bruma de uma época que se foi há tantos séculos, muitas instituições, costumes e tradições sobrevivem, ainda, nos dias em que vivemos.

Neste livro, procuramos tornar possível aquela visita à aurora da História, para assistir, na Mesopotâmia, ao espetáculo radioso do amanhecer da civilização.

A região entre rios

A Mesopotâmia (região entre rios) abrangia o atual território da República do Iraque, cuja capital é Bagdá. O Iraque é atravessado pelos rios Tigre e Eufrates, que deram origem ao nome daquela antiga região. Os dois rios se juntam na parte sul do país, formando um longo estuário de cerca de 200 quilômetros de extensão, que deságua no Golfo Pérsico e é conhecido pelo nome de Chat al-Arab.

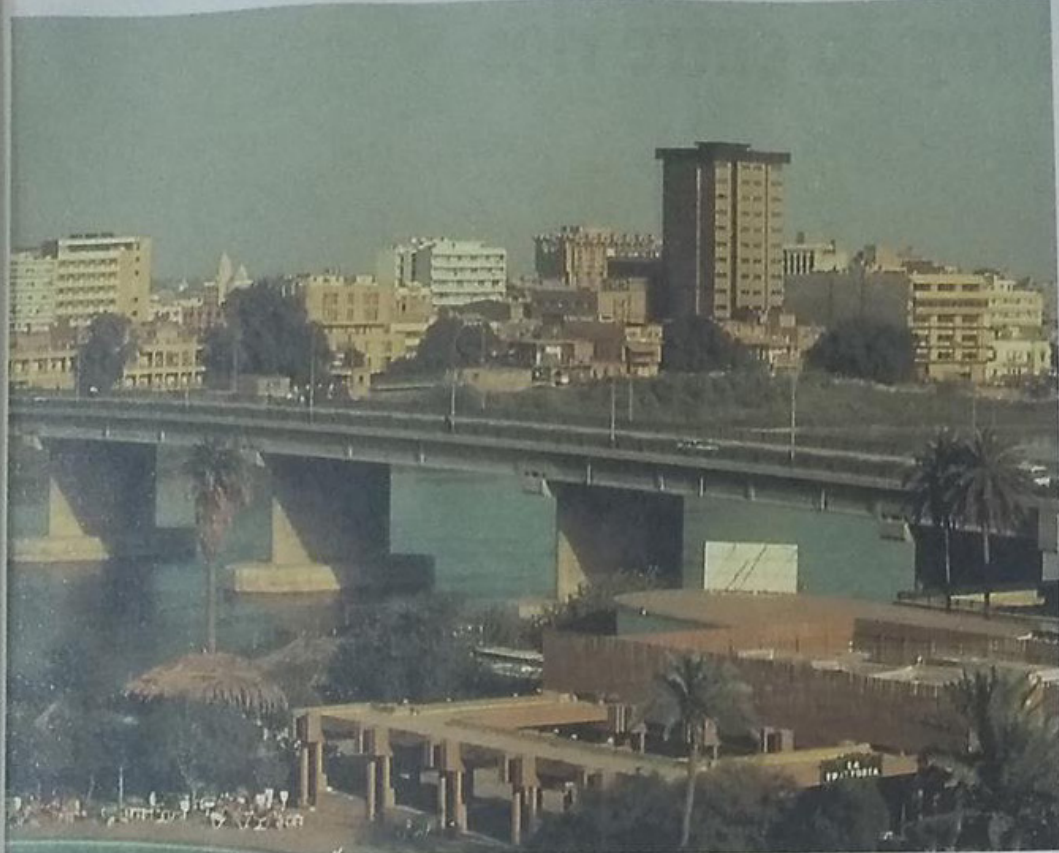


A população do Iraque é, em sua maioria, formada por árabes, que ocupam o território há mais de 1.300 anos.

O Iraque possui uma das maiores jazidas de petróleo do mundo, e tem, na extração desse óleo, sua principal fonte de rendimentos, seguida pela agricultura, atividade econômica que há milênios já favorecia o progresso e o desenvolvimento daquela região.

Em meados do século XIX, começaram a ser explorados os vestígios das antigas civilizações que existiram no Iraque. Estima-se que o país possui cerca de 10 mil sítios arqueológicos, cujas buscas têm oferecido descobertas surpreendentes, como a ocorrida em 1987, que revelou as ruínas da cidade de Shubat-Enlil, antiga capital da Assíria, situada na fronteira com a Turquia.

A região da Mesopotâmia é ocupada pelo homem desde a Pré-História, e entre as jazidas arqueológicas que contém estão as ruínas da aldeia de Jarmo, situada a noroeste do território. Jarmo, encontrada em maio de 1978, foi, segundo os pré-historiadores, um



Vista parcial
da cidade de Bagdá.

dos primeiros povoados construídos pelo homem, por volta de 6750 a.C.

As primeiras cidades da Mesopotâmia surgiram em torno de 3000 a.C. Seus fundadores foram os sumérios, que habitavam a porção sul da Mesopotâmia, próxima ao Golfo Pérsico, região chamada Suméria. Os sumérios desapareceram por volta do ano 2000 a.C. A região central da Mesopotâmia,

O PAÍS DE SHERAZADE, SINBAD E ALI BABÁ

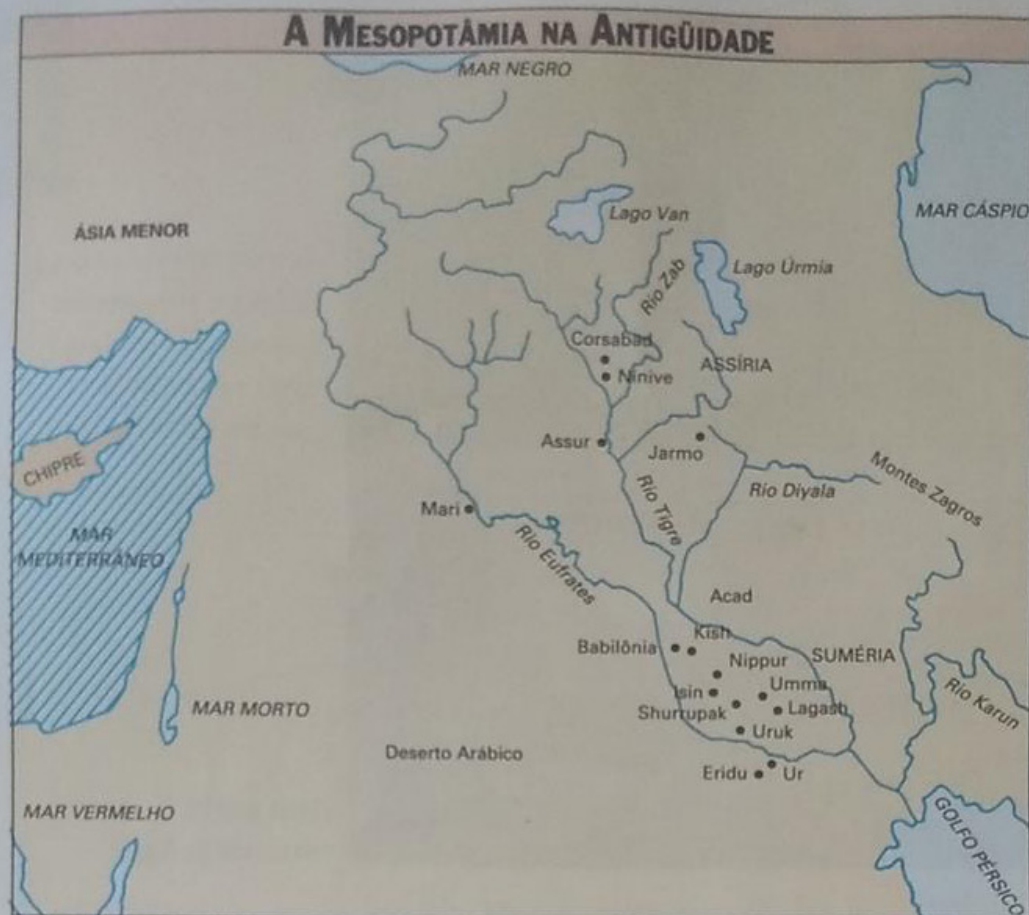
O Iraque é um país de pequenas dimensões. Ocupa uma superfície equivalente a 5% do território brasileiro, extensão pouco maior que metade do Estado de Mato Grosso. O país foi ocupado pelos árabes islâmicos (seguidores do islamismo, a religião criada por Maomé) no ano 632. Os ingleses interferiram na política interna do Iraque por cerca de um século, até 1932, quando o país alcançou sua independência. A capital — Bagdá — é muito conhecida no Ocidente, em virtude das histórias ligadas à época do califa Harun al-Rachid, onde aparece como a cidade da famosa coletânea de contos *As mil e uma noites*.

JARMO

“(...) Essa pequena aglomeração reunindo vinte a vinte e cinco casas foi longamente ocupada. Os onze níveis inferiores testemunham uma civilização neolítica, que ignorava a cerâmica, mas elaborava vasos de uma bela pedra

com veios, e utilizava cestos impermeabilizados com betume. As casas agrupavam vários cômodos pequenos, com lareiras construídas no solo. (...)” (Pierre Amiet, *Les civilisations antiques du Proche-Orient*.)

A MESOPOTÂMIA NA ANTIGÜIDADE



ocupada posteriormente pelos acádios, que ali fundaram o império babilônico, ficou conhecida pelo nome de Acad. Ao norte localizava-se a Assíria.

O relevo da Mesopotâmia apresenta-se inclinado em direção ao sul e mais elevado a leste, nas proximidades dos Montes Zagros. Na região norte está o Planalto da Assíria. As terras que se estendem entre o Tigre e o Eufrates são planas e, na Antigüidade, ficavam sujeitas às inundações — às vezes catastróficas — dos dois rios.

O clima da região apresenta acentuado contraste. Oscilando entre desértico e chuvoso, é menos árido na porção norte do território. Os invernos são geralmente rigorosos e os verões, ardentes. Essas rígidas condições cli-

máticas são mais acentuadas no sul da Mesopotâmia, justamente onde a civilização teve seu início.

A vegetação de modo geral é pobre. São abundantes apenas as palmeiras, o que obrigou os mesopotâmios a importar madeira para suas construções. Os rios Tigre e Eufrates correm paralelamente em direção ao Golfo Pérsico e foram aproveitados, desde os tempos mais remotos, para

irrigar as plantações.

Mesmo submetida a condições climáticas e geográficas tão adversas, a Mesopotâmia foi o local onde a humanidade ensaiou, talvez pela primeira vez, a experiência da civilização. Foi na “região entre rios” que teve início, provavelmente, a longa caminhada empreendida pelo homem em direção à civilização.

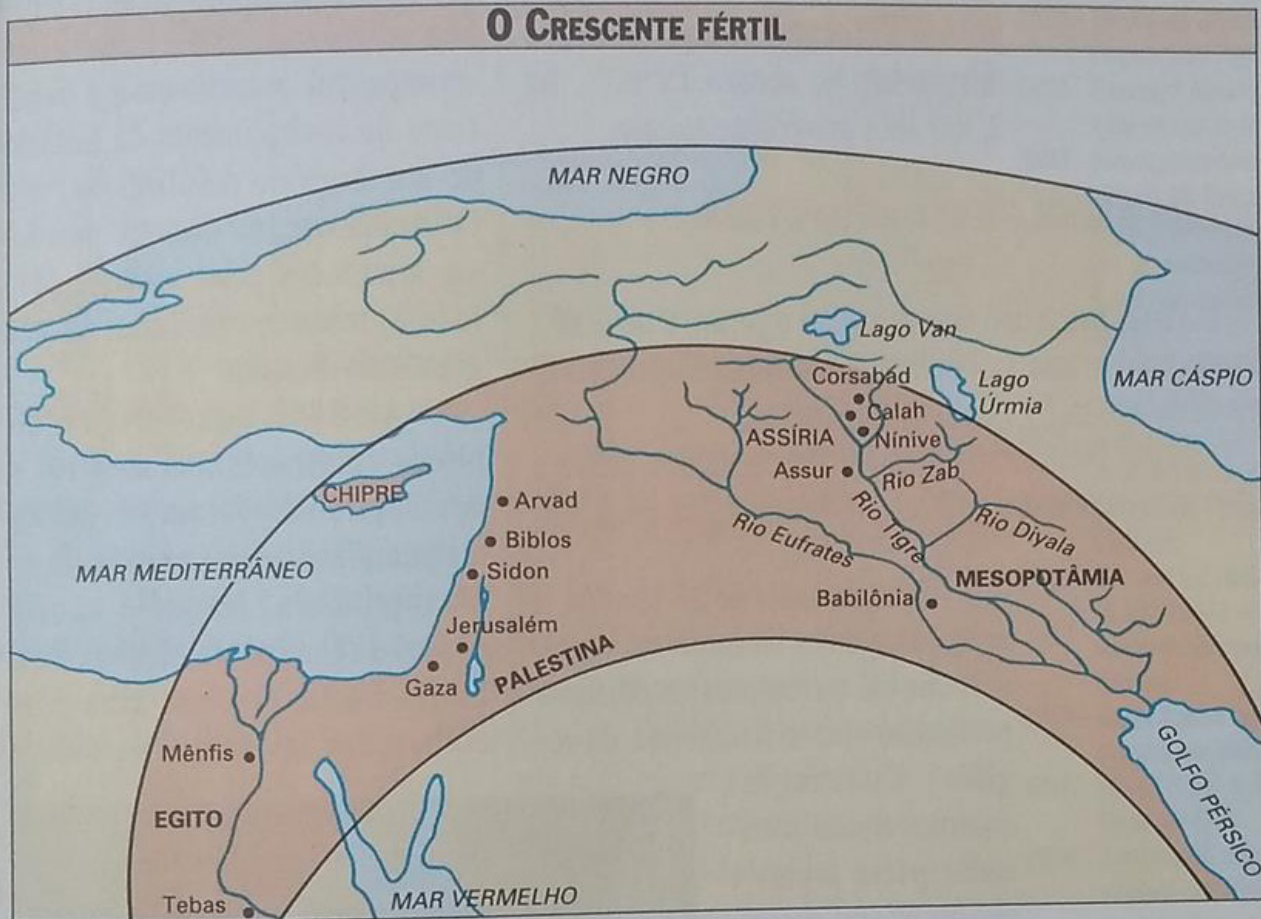
O CRESCENTE FÉRTIL

Os historiadores designam pelo nome de “Crescente Fértil” uma faixa de terra que se estende desde o Egito até o Golfo Pérsico, que abrangia, na Idade Antiga, os territórios do Egito, da Palestina e da Mesopotâmia. Em toda a região surgiram impérios com base econômi-



Nos pântanos da região sul do Iraque, as populações sobrevivem da caça, da pesca e de agricultura e pecuária rudimentares.

O CRESCENTE FÉRTIL



ca na agricultura desenvolvida com processos de irrigação. O Crescente Fértil foi importante na Antigüidade porque em sua extensão apareceram as primeiras civilizações de que se tem registro. Em todas elas, além da utilização dos processos de irrigação artificial, apareceram as pri-

meiras cidades com governo centralizado e sob a influência de alguma religião. Os contos políticos, econômicos e culturais que ocorreram entre as civilizações que existiram no Crescente Fértil resultaram em uma certa uniformização das culturas que nele tiveram desenvolvimento.

A descoberta da civilização perdida

As últimas cidades da Mesopotâmia foram conquistadas e destruídas no século IV a.C., há 2.300 anos aproximadamente.

UM RELATO BÍBLICO SOBRE A MESOPOTÂMIA

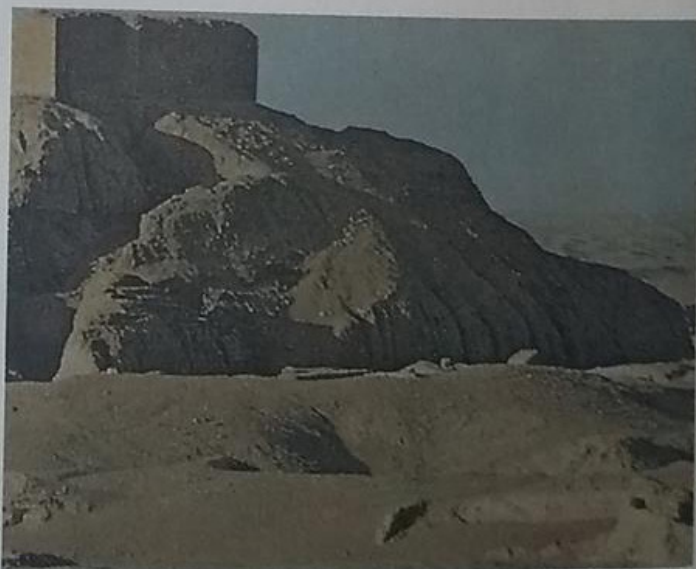
"Do Éden nascia um rio que irrigava o jardim, e de lá se dividia em quatro braços. (...) O nome do terceiro rio é Tigre. Corre ao oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates.

O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e guardar." (Gênesis 2, 10, 14, 15.)

Durante mais de 23 séculos, a ação dos agentes da natureza (vento, sol, chuva, terremotos) modificou profundamente a fisionomia da região. Construções enormes foram soterradas pelas areias e cidades inteiras, destruídas pelas enchentes dos rios. Todo aquele cenário foi, vagarosamente, se confundindo com a paisagem, até que as lembranças de seus dias de esplendor ficaram esquecidas pelos povos que posteriormente vieram ocupar a região.

Durante muitos séculos, a Bíblia, o livro sagrado dos judeus e dos cristãos, foi praticamente a única fonte de conhecimento da história de um território desolado da Ásia Ocidental que, no entanto, guardava, sepultados pelas areias e pelo lodo, os restos monumentais de uma grande civilização.

Até 1843, outros trechos bíblicos referentes aos assírios e aos babilônios foram os únicos testemunhos de sua existência na Mesopotâmia. Naquele ano, o cônsul da França em Mossul, Paul Émile Botta, revelou, com suas escavações, as ruínas da cidade



Ruínas da cidade de Nippur, que foi, para os mesopotâmios antigos, o que Roma é hoje para os católicos: uma capital religiosa.

assíria de Nínive. Desde então, inúmeras descobertas arqueológicas vêm sendo feitas na região.

A partir do surgimento das cidades, o modo de viver da humanidade sofreu grandes transformações. O fenômeno da urbanização trouxe uma série de problemas difíceis de resolver. Foi preciso estabelecer um modelo de governo, até então inexistente. Surgiu a necessidade de organizar o sistema de produção, de modo a garantir a sobrevivência de todos, e estruturar o agrupamento humano de acordo com as funções exercidas pelos indivíduos que dele faziam parte. Era necessário, ainda, atender às necessidades impostas pela religião que, nas primeiras civilizações, ocupava na vida das pessoas

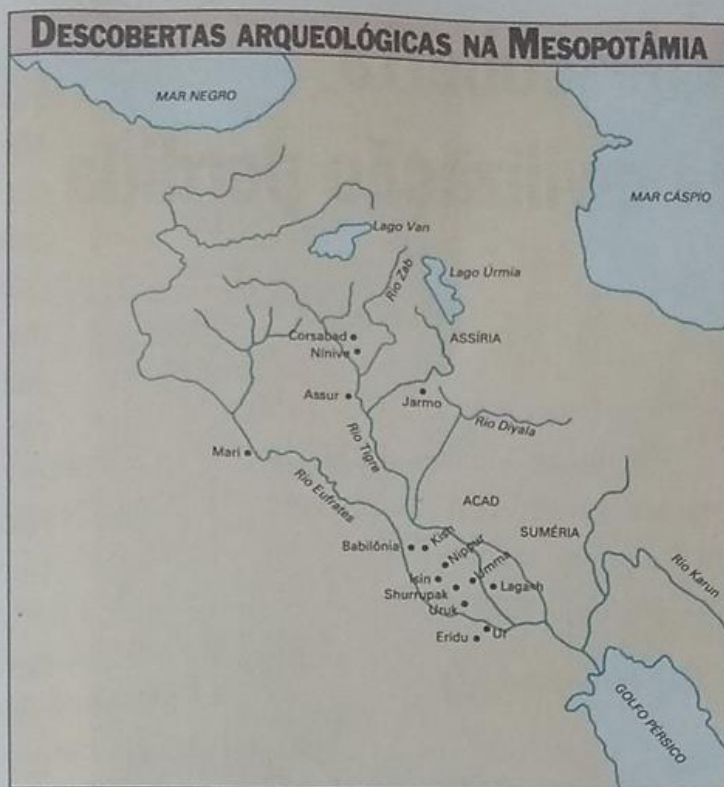
um lugar bem mais importante do que em nosso tempo.

Em função dos esforços realizados para solucionar esses problemas surgiram os governos teocráticos (dominados pela religião), foram aprimoradas as técnicas agrícolas e organizou-se a sociedade em classes. Também foram produzidos um sem-número de utensílios, entre eles armas e ferramentas, para atender às necessidades das sociedades recém-urbanizadas.

DEPOIMENTO DE UM ARQUEÓLOGO

"Por meio de indagações tentei, porém debalde, averiguar se esta aldeia não teve outrora um nome de som mais caldeo do que Corsabad (...); não existe tradição local sobre o assunto, e os próprios habitantes ignoravam os tesouros arqueológicos que lhes

jaziam sepultados debaixo dos pés e que a sorte me permitiu descobrir; apesar de tudo, as minhas pesquisas prosseguirão (...)" (Paul Émile Botta, *Cartas sobre os descobrimentos em Nínive*, 1850, in C.W. Ceram, *O mundo da Arqueologia*.)



- 1843 - Paul Émile Botta realiza escavações em Corsabad e Nínive
- 1846 - Henry Layard pesquisa em Assur e Nínive
- 1849 - William Kennett Loftus escava em Nippur
- 1850 - J.E. Taylor e Loftus: primeiras escavações em Ur, Uruk, Eridu
- 1854 - Hormuzd Rassam descobre a biblioteca de Assurbanipal
- 1877 - Ernest de Sarzec em Lagash (até 1900)
- 1880 - Hormuzd Rassam escava ruínas de Nippur
- 1889 - Escavações norte-americanas em Nippur
- 1898 - Robert Koldewey: início de escavações em Babilônia (durarão 15 anos)
- 1900 - Koldewey encontra as ruínas de Shuruppak
- 1912 - H. de Genouillac explora as ruínas de Kish
- 1918 - Campbell Thompson em Eridu
- 1926 - Sir Leonard Wolley em Ur (até 1934) — Tumbas reais/Estela de Ur-Nammu
- 1933 - André Parrot faz escavações, em Mari
- 1947 - Fouad Safar e Setton Lloyd em Eridu
- 1954 - Continuação das escavações em Mari por André Parrot (até 1960)
- 1985 - Descoberta de Tell Leinan (ruínas de 18 a.C.)
- 1987 - Descoberta das ruínas de Shubat-Enlil por Harvey Weiss
- 1989 - Descoberta de Maskan-Shapir (2.000 a.C.) a 150 km/sul de Bagdá
- 1991 - Notícias sobre danos às ruínas sumerianas causados pela Guerra do Golfo



Escavação arqueológica na Mesopotâmia. Nos últimos 150 anos, as descobertas feitas na região entre rios revelaram ao mundo o esplendor de sua mais antiga civilização.

A REVOLUÇÃO NEOLÍTICA

As primeiras aldeias criadas pelo homem sofreram grandes modificações no chamado período neolítico da Pré-História. A descoberta do processo de fabricar instrumentos de pedra polida (que substituíram os de pedra lascada), a descoberta dos metais, o aprimoramento da cerâmica e o aumento da produ-

ção de cereais provocaram grandes mudanças no modo de viver de seus habitantes. A criação da escrita, ocorrida também naquela época, marcou o fim da Pré-História e o início da História. Os historiadores denominaram "revolução neolítica" esses acontecimentos que marcaram os primeiros tempos históricos.

Deusa do vaso jorrante. Instalada originariamente no palácio de Mari, essa estátua em calcário do início do século XVIII a.C. era, na verdade, uma fonte: a água saía pelo vaso que a deusa tem nas mãos. Museu Nacional de Alepo, Síria.

À direita, escultura retratando Salmanasar III, que reinou na Assíria de 858 a 824 a.C.



As escavações arqueológicas vêm sendo realizadas na Mesopotâmia desde meados do século XIX, e até hoje apresentam resultados surpreendentes. Milhares de inscrições são encontradas nos sítios pesquisados, contribuindo, cada vez mais, para um melhor conhecimento da história da região.

O amanhecer da civilização: os sumérios

3

Na região sul da Mesopotâmia, conhecida por Suméria, surgiram as primeiras cidades, construídas há aproximadamente 5 mil anos. Seus habitantes foram os sumérios, povo sobre o qual pouco sabemos. Desconhecemos sua origem, ignoramos o exato momento em que chegaram à região, bem como não dispomos de detalhes que expliquem os primeiros momentos da civilização que estabeleceram. Sabe-se, entretanto, que muito influenciaram a cultura da região.

A descoberta da Suméria

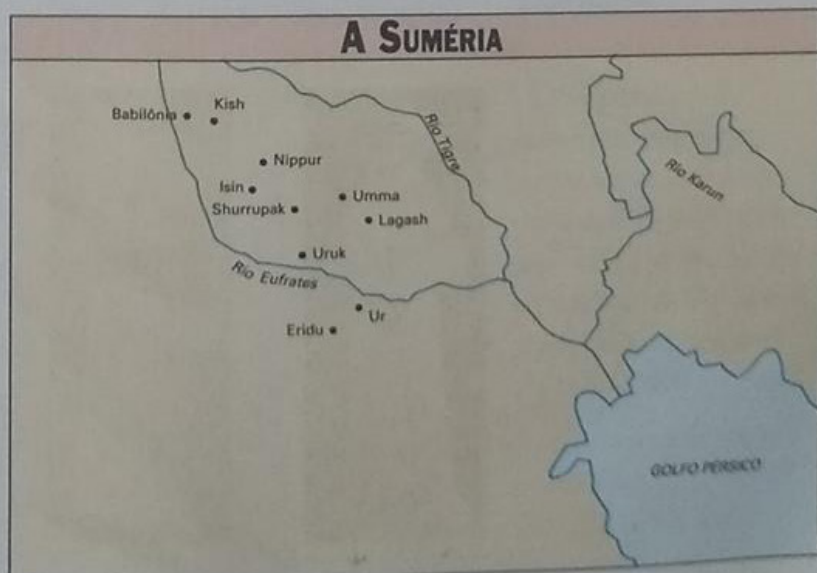
As primeiras escavações arqueológicas realizadas na Suméria, por volta de 1850, trouxeram à luz restos de cidades e vestígios de uma civilização que, apesar de ter se estendido por mais de 1.500 anos, tinha deixado, até aquela época, apenas alguns vestígios em alguns trechos da Bíblia e na obra de Beroso, um historiador babilônico que viveu em cerca de 300 a.C.

As descobertas de ruínas como as de Ur, Uruk, Larsa, Lagash, Nippur, Eridu etc. surpreenderam os estudiosos de História, que, a partir

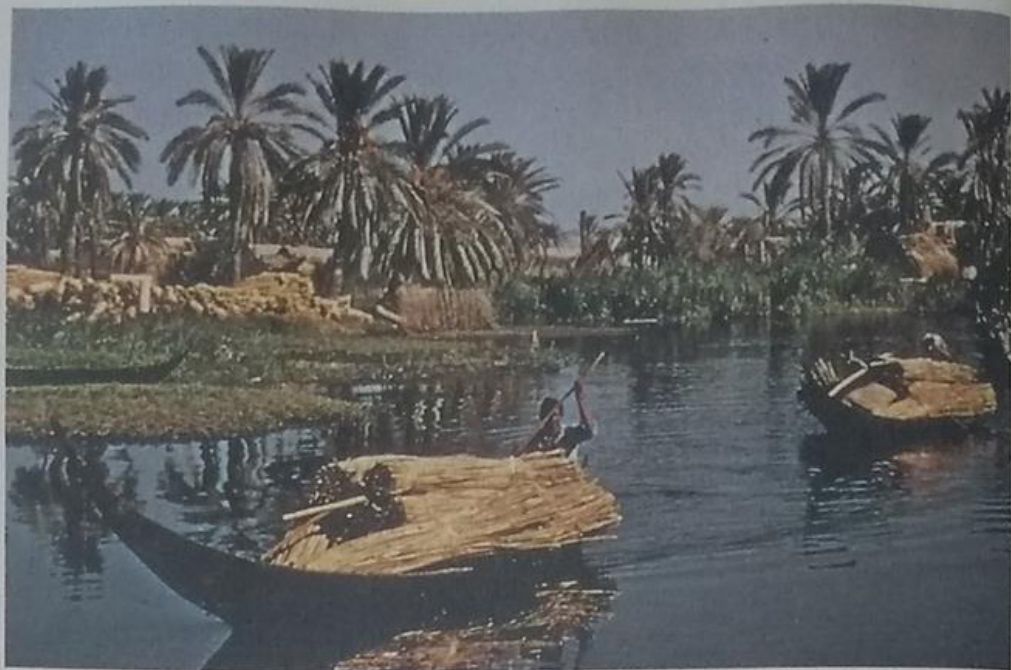
de então, tiveram de recuar em pelo menos um milênio os limites iniciais da civilização.

A região sul do Iraque, que se estende de Bagdá ao Golfo Pérsico, corresponde aproximadamente ao território da antiga Suméria. Mesmo hoje a sobrevivência humana é ali dificultada pela presença do deserto e pela extensão dos pântanos, que obrigam seus habitantes a uma vida pobre, baseada no plantio do arroz, na caça e na pesca.

O relevo da Suméria, plano e sem acidentes naturais — exceto os rios — não apresentava obstáculos que pudessem dificultar a passagem de povos invasores. Essa falta de limites naturais veio a ser fatal para as ci-



O sul do Iraque hoje se apresenta recoberto por pântanos e desertos. Foi nessa região que, na Antigüidade, surgiu a civilização suméria.

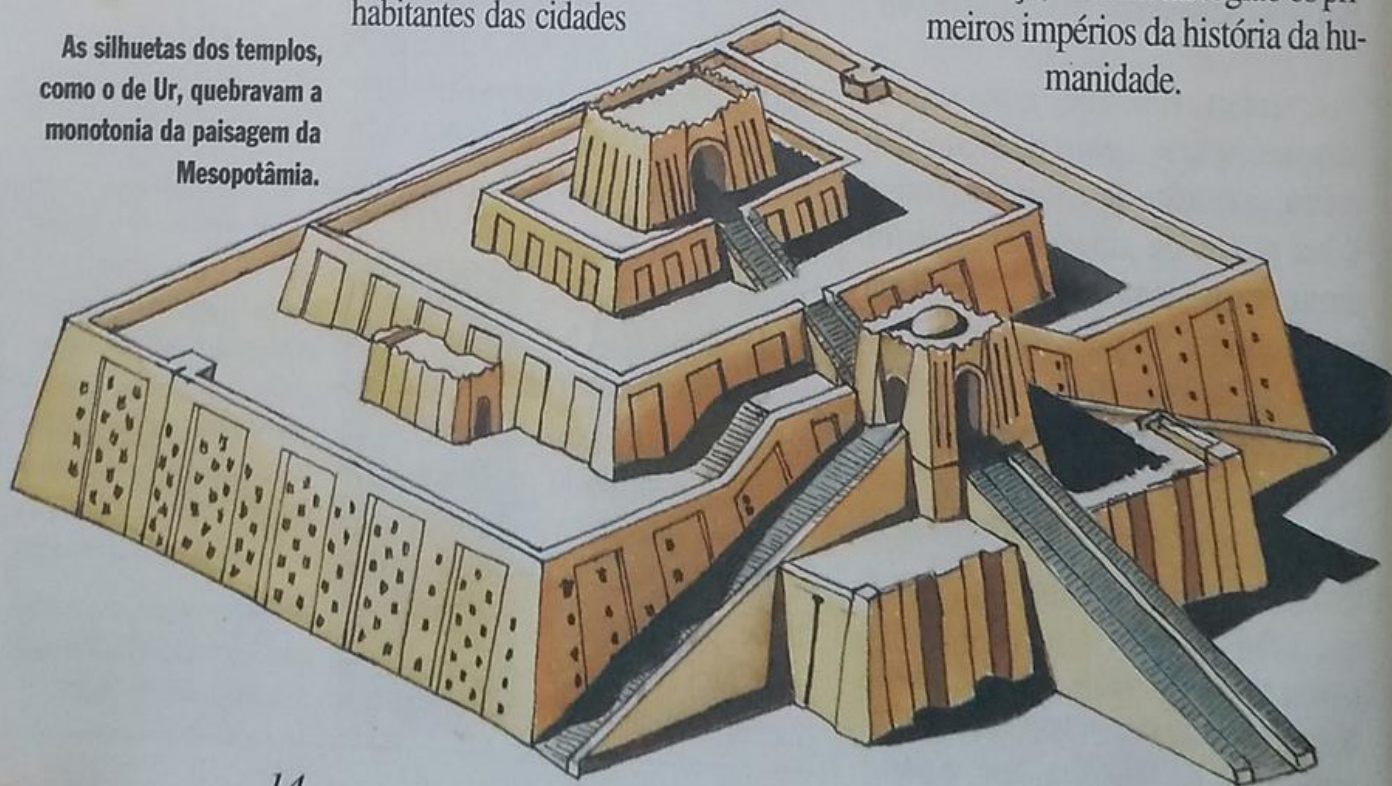


dades sumérias. Os ataques frequentes de povos nômades tornou sempre problemática a sobrevivência daqueles primeiros núcleos urbanos, que por essas razões foram cercados por fortes muralhas. Uruk, por exemplo, era limitada por um alto muro de 9,5 quilômetros de extensão, guarnecido por novecentas torres defensivas.

Os problemas enfrentados pelos habitantes das cidades

sumérias dos primeiros tempos contribuíram, ao que parece, para que elas fossem isoladas umas das outras, como verdadeiras cidades-estados, ou seja, cidades independentes umas das outras. As uniões de várias cidades sob a dominação de um só governo aconteceram mais tarde. Resultaram da ambição de alguns governantes, que, por meio da força, criaram na região os primeiros impérios da história da humanidade.

As silhuetas dos templos, como o de Ur, quebravam a monotonia da paisagem da Mesopotâmia.



A formação dos primeiros impérios

A paisagem desoladora da região sul da Mesopotâmia passou a ser, a partir do século passado, um verdadeiro paraíso para os arqueólogos. Graças às escavações ali realizadas, foram encontradas, além de cidades em ruínas, uma infinidade de inscrições que, quando foram decifradas, revelaram uma história até então desconhecida.

Ao que tudo indica, a Suméria foi ocupada desde a Pré-História por povos nômades. Por volta de 4300 a.C., alguns daqueles povos passaram a viver exclusivamente da agricultura. Uma vez fixados em um único lugar, fundaram pequenas aldeias, que, com o passar do tempo, transformaram-se em cidades.

As rivalidades entre as primeiras cidades sumérias foram motivo de inúmeras guerras que levaram à formação dos primeiros impérios. Estes eram diminutos e sua superfície pouco excederia à de alguns municípios brasileiros de nosso tempo. Seus reis, entretanto, ostentavam orgulhosos títulos como "Rei das Quatro Regiões" ou "Rei do Universo".

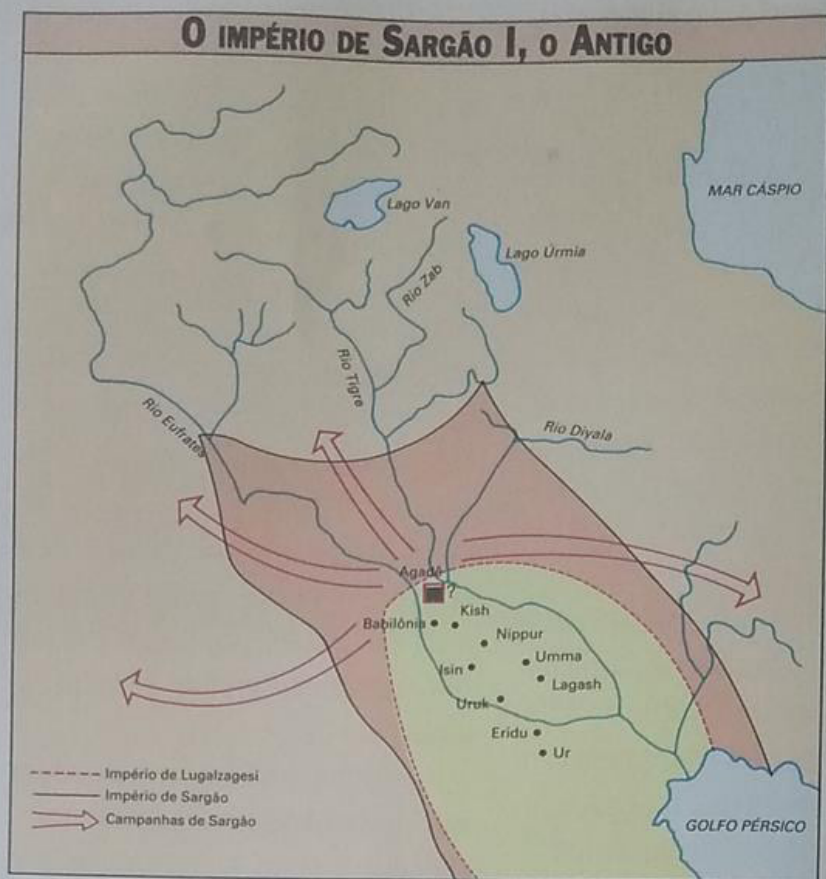
A civilização suméria

Tudo indica que a civilização suméria tenha sido obra não apenas do povo sumério, mas também dos semitas, que desde os primeiros tempos habitavam a região.

Os primeiros governantes sumérios eram designados pelo título de *en* (em Uruk), palavra que pode ser traduzida por "senhor"; ou *ensi* (em Lagash), de igual significado. A influência religiosa que sofriam seus governos fazia deles verdadeiros ministros ou vigários do deus da cidade. Governavam em nome da religião, sendo a um só tempo reis e sacerdotes. Em algumas cidades era-lhes atribuído o nome de *patesi*, que corresponderia ao título de rei-sacerdote. Posteriormente passaram a ser designados pela palavra *lugal*, que significa "grande homem" e equivale a "rei".

Alguns historiadores admitem que, inicialmente, as cidades mesopotâmicas eram administradas por uma assembleia de homens livres que influíam nas decisões dos governantes, em uma espécie de democracia. As funções administrativas e religiosas dos primeiros reis sumérios se confundiam de tal modo que o local onde moravam era, a um só tempo, o palácio e o templo da cidade.

As primeiras cidades da Suméria organizadas sob o governo de um rei foram Uruk e Kish, por volta de 3200 a.C. A história daquele período não é conhecida em pormenores. O primeiro governante historicamente comprovado foi Mesilim, rei de Kish, que viveu por volta do ano 2800 a.C. Apenas três séculos mais tarde, provavelmente em 2500 a.C., surgiram as primeiras dinastias (famílias de reis) em Ur e em Lagash.



A história da Suméria foi marcada tanto pelas lutas intermináveis que as cidades faziam entre si como pelas guerras terríveis que tiveram de empreender contra os povos nômades que as atacavam com frequência.

As cidades de Umma e Lagash disputavam um território limítrofe a ambas. Em razão disso envolveram-se em vários conflitos, que se estenderam durante tanto tempo e de tal modo enfraqueceram-

nas que acabaram dominadas pelo rei da cidade de Agadê.

Em Agadê, cujas ruínas até hoje não foram encontradas, governava naquela época o rei Sargão I, o Antigo, que exerceu o poder durante 56 anos. Esse rei fundou o primeiro grande império mesopotâmico, que incluía, além da Suméria, a porção norte da Mesopotâmia, até então sob o domínio dos assírios.

A Estela de Naram-Sin, proveniente de Susa (século XXVII a.C.). Trabalho em arenito rosa que retrata uma das vitórias de Naram-Sin, aí representado em proporções muito maiores que seus oponentes. Museu do Louvre, Paris.



SARGÃO I E SEUS DESCENDENTES

O império de Sargão I, que se intitulava Rei das Quatro Regiões, estendeu-se até 2150 a.C., e foi governado, depois de sua morte, por seus descendentes. O último deles, Sharkali-Shari, bisneto de Sargão, foi

derrotado pelos guti, povo que habitava a região dos Montes Zagros, a leste da Mesopotâmia. Os guti, a partir de então, dominaram a Mesopotâmia por mais de cem anos.

Enquanto os guti invadiam o império de Sargão I, o Antigo, Lagash permaneceu independente. Durante o governo do rei Gudéia foram edificadas numerosos templos naquela cidade. Os descendentes de Gudéia governaram Lagash até seus últimos dias.

Em 2100 a.C. Lagash foi definitivamente destruída pelos elamitas. Os guti ainda mantinham seu domínio sobre grande parte da Mesopotâmia quando o rei Ur-Nammu fundou a III Dinastia de Ur, em 2111 a.C. aproximadamente.

Ur-Nammu conseguiu reunificar a Mesopotâmia sob seu governo. Entre suas obras destaca-se a criação do mais antigo código de leis elaborado na História. O rei conseguiu, ainda, promover a paz e o progresso na região. Os últimos governantes da III Dinastia de Ur foram finalmente vencidos pelos amoritas e pelos elamitas, por volta do ano 2000 a.C.

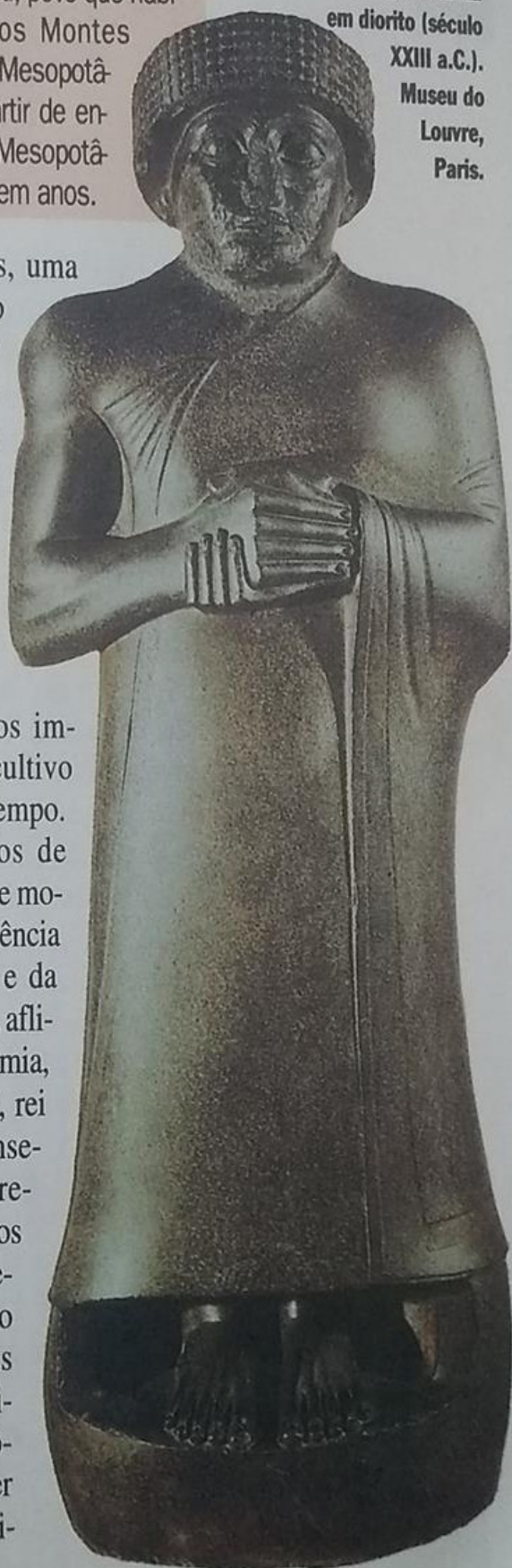
Decadência e fim da Suméria

A decadência e o fim das cidades sumérias podem ter sido resultado indireto da progressiva sali-

nização das terras, uma consequência do uso ininterrupto da irrigação. O represamento das águas dos rios e sua evaporação teriam causado um vagaroso acúmulo de sais sobre os solos, tornando-os impróprios para o cultivo com o passar do tempo.

Dois séculos de lutas, ao que parece motivadas pela decadência das terras férteis e da produção agrícola, afligiram a Mesopotâmia, até que Hamurabi, rei de Babilônia, conseguiu pacificar a região. Desde então os sumérios desapareceram como povo organizado, mas sua cultura, assimilada pelos babilônios, iria sobreviver ainda durante muitos séculos.

Gudéia, rei de Lagash, o mais retratado dos monarcas da Idade Antiga. Estátua em diorito (século XXIII a.C.). Museu do Louvre, Paris.



O poderio babilônico

Até o início do segundo milênio antes de Cristo, Babilônia tinha sido apenas um inexpressivo núcleo urbano. Por volta do ano 2000 a.C. a cidade foi dominada pelos elamitas, que, na mesma época, aniquilaram a III Dinastia de Ur. Cerca de um século e meio mais tarde, Babilônia foi conquistada pelos amoritas, povo nômade que vivia nos desertos da Arábia e da Síria e que lá fundou uma dinastia, que governou durante 170 anos.

O primeiro rei amorita de Babilônia foi Sumu-abum. O

sexto rei de sua dinastia — Hamurabi — conseguiu organizar um grande império, restabelecendo a unidade da Mesopotâmia e transformando Babilônia na mais importante cidade da região.



As ruínas de Babilônia. Lá está o que restou dos famosos Jardins Suspensos, obra do rei Nabucodonosor II.

BABILÔNIA — UMA HISTÓRIA DE QUINZE SÉCULOS

Cadinguirra era o nome que os sumérios davam à cidade que, mais tarde, foi denominada Babil — “portas de deus” — pelos semitas, que constituíam a maior parte de sua população. Quando aconteceu o colapso da civilização suméria, Babilônia foi conquistada pelos elamitas e, posteriormente, pelos amoritas.

A dinastia iniciada por eles levou a cidade a seu primeiro período de esplendor, sob o governo do rei Hamurabi. Depois desse governante, Babilônia foi conquistada por inúmeros povos ao longo de mais de 1.200 anos, até que o rei Ciro da Pérsia incorporou a cidade a seu império. Babilônia vegetou até 331 a.C. sob o domínio dos persas, quando foi conquistada por Alexandre Magno, rei da Macedônia.

CARTA DE HAMURABI A SIN-IDDINAM, FUNCIONÁRIO DE SEU GOVERNO NA CIDADE DE LARSA

"O canal na cidade de Uruk não foi dragado e a água não chega mais à cidade. A massa de terra desse canal não é muita. Para a tropa de trabalho que está contigo é, apenas, uma tarefa de três

dias. Logo que vires esta minha tábua, draga, em três dias, com a força da tropa de trabalho que está contigo, o canal na cidade de Uruk (...)" (Emanuel Bouzon, *As cartas de Hamurabi*.)

Hamurabi foi um político hábil que, aos poucos, conseguiu anexar os reinos mesopotâmicos a seus domínios. Venceu e submeteu antigos aliados, como Rim-Sim, rei de Larsa, e Zimri-Lim, rei de Mari. Criou uma organização política centralizada, que dirigia energeticamente, como podemos deduzir da leitura da volumosa correspondência que mantinha com seus subordinados.

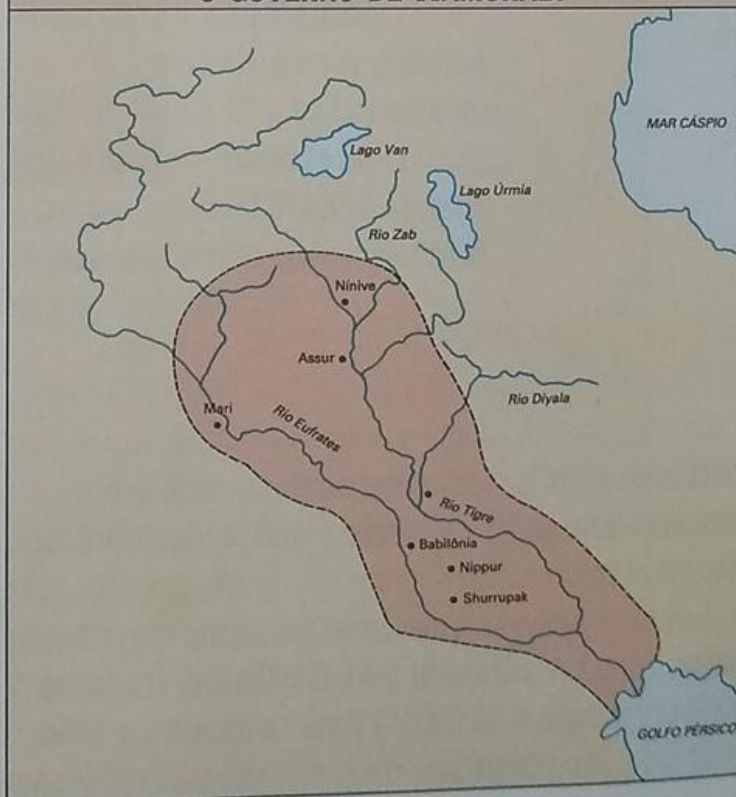
A obra mais importante de Hamurabi foi a reunião, em um só código, das leis que vigoravam em seus domínios. O Código de Hamurabi, que veremos mais adiante, foi o instrumento que facilitou ao grande rei a manutenção de seu império.

Os sucessores de Hamurabi conseguiram manter o império babilônico por mais de um século e meio depois de sua morte. Em 1600 a.C., uma invasão dos hititas encerrou aquele período de brilho. Os cassitas conquistaram Babilônia em seguida, mantendo seu domínio durante quatro séculos. Depois desse período, os elamitas e os assírios disputaram a posse da cidade até o fim do século VII a.C.

BABILÔNIA HOJE

As ruínas de Babilônia, situadas a 75 quilômetros ao sul de Bagdá, estão sendo recuperadas de acordo com um plano de restauração estabelecido pelo governo do Iraque, que pretende promover o desenvolvimento econômico da região sul do país por meio de incentivo ao turismo. Este plano vem sendo desenvolvido desde 1978, e nas proximidades das ruínas já existem apartamentos turísticos, restaurantes, cafés e estacionamentos para automóveis cercados de jardins. Às margens do Eufrates, em meio a um belo parque, funciona um cassino.

O IMPÉRIO BABILÔNICO SOB O GOVERNO DE HAMURABI



Assíria: o poder da força, a força no poder

A região norte da Mesopotâmia, onde estava localizada a Assíria, foi ocupada na mesma época em que os sumérios se instalaram na porção sul do território. Por volta de 3000 a.C., quando as primeiras dinastias sumérias governavam em Uruk e em Kish, já estavam edificadas os primeiros templos nas cidades assírias de Assur e Nínive.

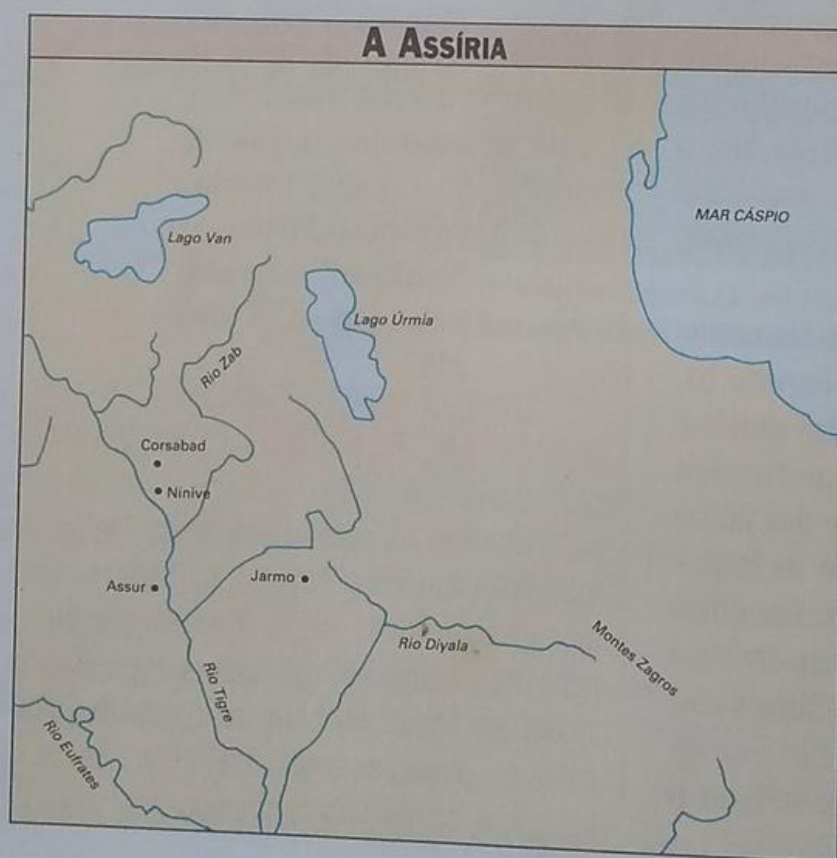
Pouco se sabe a respeito desse período recuado da história dos assírios. Os primeiros reis a governar

a região apareceram apenas no século XIX a.C., na mesma época em que a civilização suméria se desintegrava.

O início do Antigo Império Assírio coincide com o período em que Hamurabi reinava em Babilônia. O desenvolvimento da Assíria foi até então inexpressivo, e o mesmo povo que dominava os babilônios — os amoritas — deu início ao império assírio.

Shamshi-Adad I, de origem amorita, é o primeiro dos reis assírios

de que se tem notícia. Ele promoveu uma verdadeira “babilonização” da Assíria, onde a cultura importada de Babilônia veio a prevalecer. Naquele período os assírios não eram muito diferentes dos outros povos que ocupavam a Mesopotâmia. Ainda não possuíam o caráter guerreiro que veio ser a verdadeira característica de sua cultura. Entretanto sob o reinado de



ESCAVAÇÕES REVELAM RUÍNAS DA CAPITAL MESOPOTÂMICA

"Harvey Weiss, professor da Universidade de Yale, Connecticut (costa leste dos EUA), anunciou dia 16 de abril que escavações arqueológicas realizadas no norte da Síria, a poucos quilômetros da fronteira com a Turquia e o Iraque,

revelaram as ruínas de Shubat-Enlil, antiga capital da Mesopotâmia, sede do governo do rei assírio Shamshi-Adad, entre os anos 1813 e 1781 a.C. (...)" (in *Folha de S. Paulo*, 19 de abril de 1987.)

Shamshi-Adad I muitas conquistas foram feitas.

O filho de Shamshi-Adad I não conseguiu manter a herança territorial conquistada por seu pai. Sob seu governo o império se esfacelou.

Depois dessa época, durante quase quatro séculos e meio, ocorreu um verdadeiro eclipse da civilização assíria, provocado provavelmente pelas invasões que aconteceram em toda a Mesopotâmia.

Em 1366 a.C. subiu ao trono o rei Assur-Uballit I, cujo governo marcou o começo do Médio Império Assírio, que duraria outros 450 anos. Naquele período, a militarização e as conquistas territoriais empreendidas deram um novo caráter ao império.

No espaço de um século, os reis assírios que governaram depois de Assur-Uballit I fizeram da guerra aos povos vizinhos, inclusive os babilônios, um verdadeiro processo de arrecadação de impostos, que eram cobrados dos vencidos por meio da violência.

Outro rei importante foi Tukulti-Ninurta I, responsável por mais um

período de expansão do império assírio, cujo fim se deu, aproximadamente, 630 anos depois de seu reinado. Nesse longo período a Assíria passou por várias crises e foi governada por cerca de 28 reis e uma rainha.

A contínua crise econômica deve ter enfraquecido o poderio assírio. O império, durante aquele período, foi freqüentemente ameaçado pelos arameus, um povo semita que se estabeleceu na região oeste de seu território. As relações com Babilônia oscilaram, na época, entre a guerra e a diplomacia.

O governo do rei Tukulti-Ninurta II, em 891 a.C., marcou o início do Novo Império Assírio, que perdurou até 612 a.C., quando Nínive, sua antiga capital, foi totalmente destruída.

RELAÇÕES ENTRE OS ASSÍRIOS E O IMPÉRIO EGÍPCIO

Durante as escavações arqueológicas realizadas no local chamado Tell-el-Amarna, no Egito, foram encontradas as ruínas da cidade antiga de Aquetaton. Entre os achados mais importantes estavam cartas originadas da Assíria, enviadas por Assur-Uballit I ao faraó egípcio. Essas cartas, inscritas em placas de argila, estão entre os mais antigos testemunhos da diplomacia internacional.

O Novo Império Assírio foi o período mais brilhante da história daquele povo. A riqueza e a expansão territorial chegaram ao apogeu. Os limites da Assíria, que até então só eram estáveis na porção norte da Mesopo-

A CRUELDADE ASSÍRIA

A crueldade acompanhou as guerras desde o início da história da humanidade. Na Idade Antiga, a vitória de um povo sobre outro era seguida, na maior parte das vezes, por violências terríveis contra os vencidos. Naquela época os assírios foram o povo que levou a crueldade a extremos, com o objetivo de, pelo terror, garantir a dominação daqueles que subjugavam.

Corte das orelhas e dos lábios, empalação, castração, degola, desfiguramento por asfalto fervente e outras modalidades de violência eram comuns depois das vitórias dos exércitos assírios. Em uma só das campanhas contra os arameus, 14.400 homens tiveram um olho arrancado. A crueldade assíria na guerra foi responsável, principalmente, pelo ódio que levou ao massacre total da população do império, em 612 a.C.

tâmia, se estenderam à totalidade da região. Os territórios vizinhos, situados nos Montes Zagros, os reinos dos arameus, a Fenícia, a Palestina e até mesmo o Egito chegaram a fazer parte do império assírio naquele tempo.

A expansão territorial assíria tomou impulso durante o governo de Assurnasirpal II e continuou com seus sucessores. A crueldade ao tratar os povos derrotados passou a ser comum desde o governo daquele rei até a época do colapso do império.

Adad-Nirari III, que recebeu o trono de sua mãe e regente, a rainha Samuramat — mais conhecida como Semíramis — não deu conti-

nuidade aos planos expansionistas de seus antecessores. Os reis que o sucederam também não conseguiram evitar a decadência, que praticamente desagregou o império cerca de quarenta anos mais tarde.

A última fase de brilho do império assírio teve início durante o governo do rei Tiglat-Falasar III. Até então os assírios contentavam-se apenas em cobrar tributos dos povos que venciam, abandonando seu território logo em seguida.

Tiglat-Falasar III passou a incorporar os países vencidos a seu país, transformando-os em províncias que, governadas por funcionários assírios, tornavam-se tributários permanentes do império. Este, interligado por um sistema eficiente de correios, pôde ser administrado com maior eficiência a partir de seu governo. Em certas regiões, transferiu toda a população vencida, substituindo-a pela de outro local. Essas deportações em massa favoreciam a paz, pois o espírito de revolta devido às idéias nacionalistas dos povos dominados era assim aniquilado. Mais de 100 mil pessoas foram deportadas durante os dezenove anos do governo de Tiglat-Falasar III.

Os sargônidas e o fim do império assírio

Sargão II deu início à dinastia dos sargônidas, a última da Assíria, que governou o império até o momento de sua destruição.

O governo de Sargão II foi marcado pelas campanhas militares que empreendeu. Sargão promoveu a conquista de Babilônia, fez guerra contra o Egito, lutou contra os hititas, venceu Israel e também os medos.

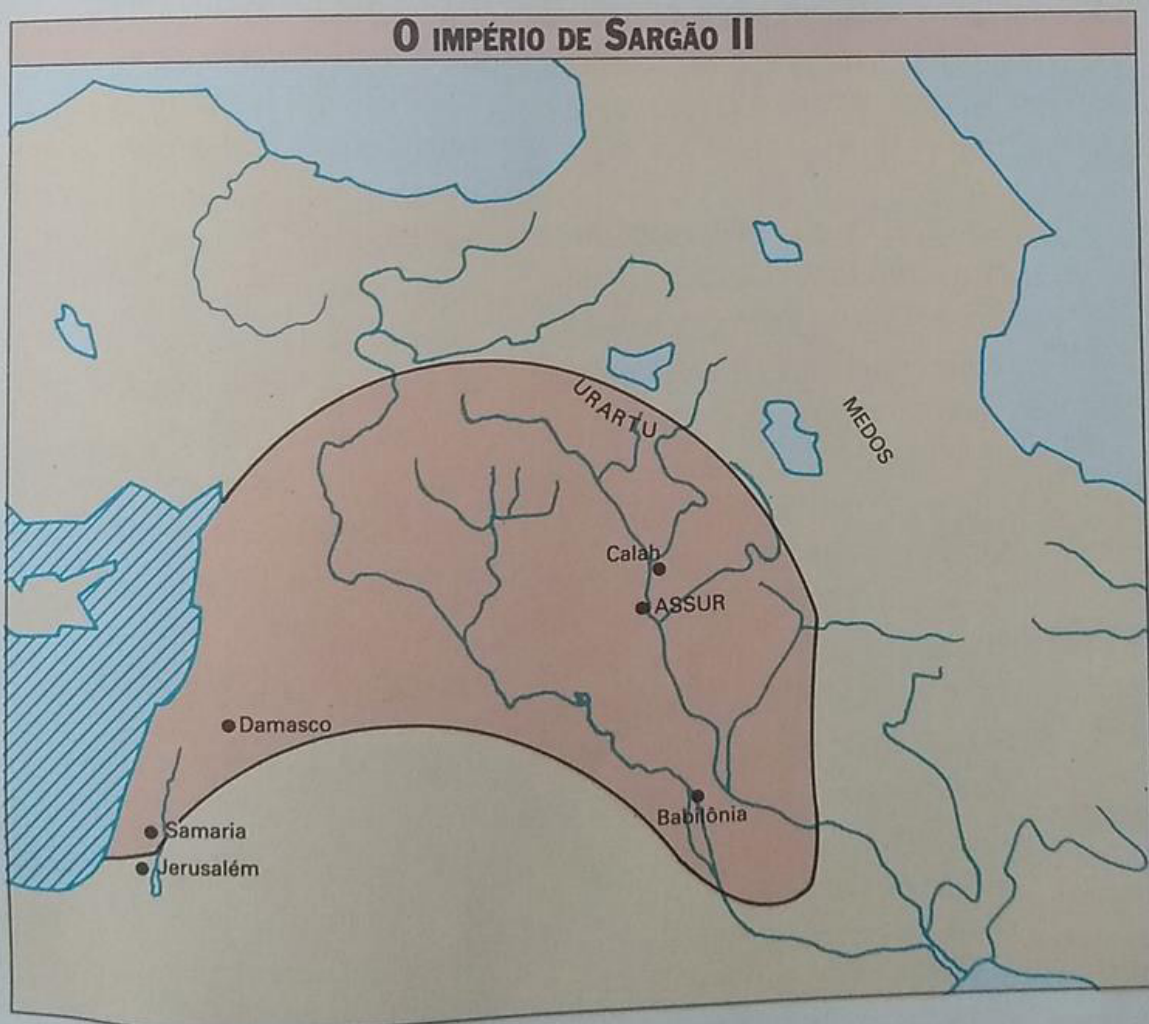
Os sucessores de Sargão II conseguiram, por meio de seguidas operações militares, manter e até ampliar as fronteiras do império.

Senaqueribe, sucessor imediato de Sargão II, foi também um rei guerreiro. Atacou Babilônia, venceu o reino de Judá, atacou Tiro, cidade da Fenícia que havia se revoltado contra o domínio assírio, e realizou um ataque contra o Elam, por meio de uma ex-



Sargão II, rei da Assíria de 722 a 705 a.C. (à direita), e seu ministro. Detalhe de baixo-relevo em alabastro, proveniente do palácio de Corsabad. Museu do Louvre, Paris.

pedição marítima. Em Jerusalém, teve de desistir do ataque à cidade, pois um surto de peste dizimou seu exército.



A VISÃO DOS VENCIDOS: A DESCRIÇÃO DO ATAQUE DOS ASSÍRIOS A JERUSALÉM, NAS PÁGINAS DA BÍBLIA

"Por isso, assim diz o Senhor a respeito do rei da Assíria: Ele não entrará nesta cidade, não atirárá setas contra ela, não a atacará com escudos nem levantará contra ela trincheiras. Pelo caminho por onde veio, retornará (...)

O anjo do Senhor saiu e feriu no acampamento da Assíria 185 mil homens (...) Senaqueribe, rei da Assíria, levantou acampamento, retornou a Nínive e ali ficou. (...)" (Isaías, 37, 33-37.)

Assaradão, que governou depois de Senaqueribe, reconstruiu Babilônia e iniciou a conquista do Egito, tomando a cidade de Mênfis. Depois dele governou Assurbanípal, o mais conhecido dos reis assírios. Foi sob seu reinado que os domínios

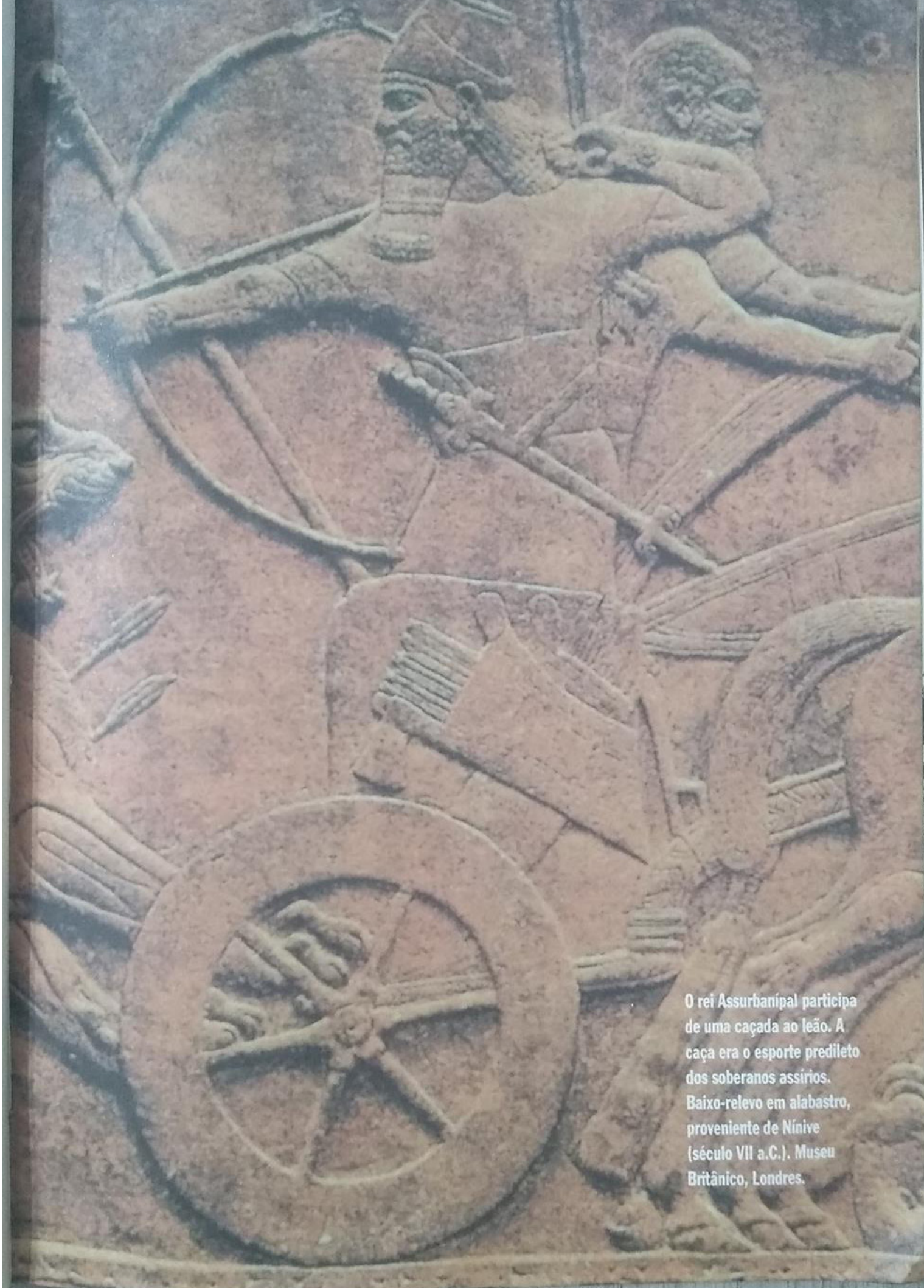
da Assíria atingiram sua extensão máxima.

Assurbanípal conquistou Susa, a capital do Elam, retomou Babilônia e deu continuidade à conquista do Egito, destruindo a cidade de Tebas. Depois de seu governo, entretanto, em apenas dezoito anos, toda a grandeza dos assírios se esfacelou. O último rei foi derrotado por uma coalizão formada pelos reis Nabopolassar, de Babilônia, e Ciáxares, da Média. Nínive, Assur e todas as grandes cidades da Assíria foram sucessivamente destruídas e a população, dizimada.

A Assíria foi definitivamente riscada do mapa, e um novo império — o império babilônico — foi formado sobre seus escombros.

O IMPÉRIO ASSÍRIO DURANTE O GOVERNO DE ASSURBANÍPAL





O rei Assurbanípal participa de uma caçada ao leão. A caça era o esporte predileto dos soberanos assírios. Baixo-relevo em alabastro, proveniente de Nínive (século VII a.C.). Museu Britânico, Londres.

A arte bélica

Soldados sumérios representados na Estela dos Abutres (primeira metade do terceiro milênio a.C.). Museu do Louvre, Paris.



Nos primeiros tempos da História, a guerra fez parte da vida cotidiana de todos os povos. Na Mesopotâmia, as escavações realizadas nas ruínas das cidades mais anti-

gas revelaram a existência de muralhas defensivas construídas ao seu redor. A preocupação com a defesa, portanto, esteve presente desde o início da civilização.

Entre a época dos sumérios e o último período babilônico, fase que durou cerca de 25 séculos, a história dos mesopotâmios foi marcada por uma sucessão interminável de guerras. Entre as compactas falanges de soldados sumérios e o efficientíssimo exército assírio há diferenças evidentes; a técnica militar foi cada vez mais aprimorada ao longo da história da Mesopotâmia.

Sargão, o Antigo, valeu-se das modificações que estabeleceu no exército para firmar seu poderio. Shulgi, outro rei sumério, dois sécu-

los mais tarde inovou a infantaria, tornando-a mais móvel. Os assírios, que organizaram seu império com base na eficiência de suas tropas, fizeram do exército um instrumento de força irresistível, que iria garantir sua supremacia durante séculos.

Não conhecemos com detalhes a composição que tiveram os exércitos antigos. Seus contingentes eram formados por indivíduos tirados da população livre das cidades e dos impérios ou de uma classe profissional das armas, dedicada unicamente às atividades guerreiras. Sabemos, por exemplo, que a partir da época de Tiglat-Falasar III,



Soldados assírios transportando objetos saqueados. Relevo em alabastro proveniente de Nínive (século XVIII a.C.). Museu Britânico, Londres.



Carros de guerra sumérios.
Detalhe do Estandarte de Ur
(cerca de 2500 a.C.).
Museu Britânico, Londres.

tornou-se comum a presença de mercenários no exército assírio.

O aparecimento dos carros

A maior revolução ocorrida nas técnicas bélicas foi a introdução do carro de guerra nas batalhas. Os sumérios já utilizavam carros puxados por burros na movimentação de seus exércitos. Mas esses carros eram muito rudimentares e deviam ser usados apenas como meio de transporte, e não como arma de combate. Só depois que os cassitas e os hurritas introduziram os primeiros cavalos na Mesopotâmia, os exércitos passaram a ter maior mobilidade.

O carro de guerra movido pela tração de cavalos revolucionou as técnicas de combate. Ocupado por três soldados, sua aparição no cenário da guerra pode ser comparada com o surgimento dos carros blindados na guerra moderna.

Entretanto, depois de seu aparecimento, a guerra tornou-se uma

fonte de despesas imensa para os governos dos primeiros impérios.

A utilização de embarcações nas guerras foi praticada pelos assírios. Não conhecemos, entretan-

O CUSTO DOS CARROS DE GUERRA

Em Babilônia, por volta de 1100 a.C., um carro de guerra atingia o custo de 100 siclos. Na mesma época, o preço de uma vaca alcançava 12 siclos. Ora, no tempo de Hamurabi, 12 siclos representavam os ganhos de um empregado agrícola durante um ano de trabalho.



Assurbanipal no carro da vitória. Baixo-relevo do século VII a.C. encontrado nas ruínas de Ninive. Museu do Louvre, Paris.

Embarcações utilizadas para o transporte de madeira. Baixo-relevo em alabastro (século VIII a.C.).



gia guerreira de caráter religioso. Para eles, a guerra servia para ampliar os domínios do deus Assur, e, em função disso, fizeram dela uma fonte permanente de aprovisionamento de riquezas.

Nos combates, as tropas alinhavam-

to, relatos sobre batalhas navais realizadas por eles. Os documentos encontrados nos levam a acreditar que os navios eram usados basicamente para o transporte de tropas.

As técnicas de combate

Os objetivos das guerras na antiga Mesopotâmia eram bem definidos: conquistar a cidade ou o império inimigo, saquear suas riquezas e escravizar seus habitantes. Os assírios adotaram uma ideolo-

se frente a frente e depois avançavam para o ataque. Vencia o exército que conseguisse abater o inimigo ou colocá-lo em fuga. Mas essa estratégia foi sendo modificada com o passar do tempo. O uso das tropas de arqueiros, que atacavam de longe, o uso de cavalos, de carros de guerra e até de camelos (tática que os assírios usaram em período mais recente de sua história) resultaram na maior mobilidade e eficiência dos exércitos em luta.

A conquista de uma cidade obrigava a cercos prolongados e à utilização de técnicas sofisticadas para vencer a reação de seus habitantes. As muralhas representavam o obstáculo mais difícil de transpor. Para derrubar suas portas, geralmente revestidas de chapas de metal, os atacantes usavam arietes feitos de grossos troncos de árvore, cuja parte anterior também era reforçada com metal. Para atingir o alto dos muros, eram utilizadas escadas portáteis ou construídas rampas de terra que se elevavam até a altura desejada, permitindo a passagem dos atacantes.



Detalhe de um relevo assírio em alabastro, proveniente do palácio de Senaqueribe, em Nínive (701 a.C.). Representa o ataque a uma cidade hebréia. Museu do Louvre, Paris.

A DEFESA DAS CIDADES SITIADAS

Os maiores inimigos a serem enfrentados pelos sitiados, em qualquer cidade, eram a sede e a fome. Os cercos, às vezes, alongavam-se durante anos seguidos. A defesa da cidade cercada também não era fácil. Do alto das muralhas, a posição era favorável aos defensores, mas a reposição dos armamentos era pro-

blemática, em razão do próprio cerco. Um estímulo à resistência era, com certeza, o conhecimento, por parte dos sitiados, do destino que lhes era reservado no momento em que a cidade fosse conquistada. Quando não eram mortos, eram escravizados ou transferidos, em massa, para lugares distantes.

Outras técnicas utilizadas foram a construção de torres móveis, que eram transportadas até perto das muralhas, e a escavação de túneis, que possibilitavam a entrada na cidade por baixo de seus muros defensores. Como estes eram feitos de adobe — tijolos de barro cozidos ao sol — material muito pouco resistente, as tropas de sapadores — soldados que usavam ferramentas apropriadas — não encontravam dificuldades insuperáveis para realizar seu trabalho.

O historiador grego Heródoto relatou que o rei Ciro, para entrar em Babilônia, desviou as águas do Eufrates, que atravessava a cidade, o que permitiu a seus soldados invadirem-na a pé enxuto pelo leito seco do rio.

As atrocidades das guerras

Nas guerras antigas, assim como nas atuais, as atrocidades sempre foram uma constante. Os assírios ganharam a triste fama de serem o povo mais cruel que exis-

tiu. Na verdade, seus vizinhos comportavam-se com igual crueldade nas guerras de que participavam. Os babilônios, que apagaram a civilização dos assírios, cujo império era baseado na dominação pelo terror, não agiram de forma diferente quando arrancaram os olhos do rei Sedecias ao conquistar Jerusalém.

O terror era conscientemente utilizado para desencorajar os vencidos a qualquer reação posterior contra os vencedores. Desse modo, a crueldade era procedimento que acompanhava o desenrolar da maioria das guerras.

Capacete de ouro da primeira metade do III milênio a.C., proveniente de Ur. Sua confecção foi inspirada no cabelo atado que os sumérios usavam. Museu do Iraque, Bagdá.



Punhal de prata sumério, proveniente de Ur (cerca de 2500 a.C.). Minucioso trabalho de artesanato, decorado com ouro e lápis-lazúli. Museu Britânico, Londres.

O renascer de Babilônia

Depois de Hamurabi, o Antigo Império Babilônico entrou em uma fase de decadência que se alongou por um século e meio. Durante esse período, cuja história não é bem documentada, inúmeros povos se estabeleceram na Mesopotâmia, fundando reinos independentes: os hurritas, que fundaram Mitani; os cassitas, que viviam originalmente a leste de Babilônia; e os hititas, cujo reino estava localizado na Ásia Menor.

Os hititas foram os primeiros a invadir Babilônia, em 1600 a.C. Setenta anos mais tarde, os cassitas dominaram a cidade e a região, onde se mantiveram por cerca de quatrocentos anos.

REPRESSÃO DE NABUCODONOSOR SOBRE A PALESTINA

A Palestina sofria uma grave crise econômica. A população estava descontente com a situação política de submissão aos babilônios e, além disso, sofrera sensível diminuição numérica resultante da guerra e da deportação para Babilônia. Esses motivos foram suficientes para que o rei Sedecias se revoltasse contra Nabucodonosor, que então avançou com seu exército sobre a Palestina. Jerusalém foi cercada durante dois anos e, finalmente, teve de se render. Sedecias foi preso e cegado por ordem de Nabucodonosor, que, desse modo, reafirmou sua soberania sobre a região.

Foi no tempo dos cassitas que o império assírio apareceu na História. Os atritos entre os babilônios e os assírios, como vimos no capítulo anterior, se arrastaram durante quase cinco séculos. Vimos, também, o aparecimento de uma nova potência na região: a Média, que submeteu o Elam e, no final do século VI a.C., aliou-se ao rei de Babilônia para arrasar o império assírio, numa época em que este alcançava seu momento de maior brilho.

Nabopolassar, o aliado babilônico de Ciáxares, rei da Média, naquela luta, foi o fundador do Novo Império Babilônico. Babilônia, que renasceu das cinzas a que fora reduzida pelos sargônidas, tornou-se mais uma vez o centro político, econômico e cultural de toda a Mesopotâmia. Este período de esplendor teve, entretanto, curtíssima duração. Setenta anos depois dos sucessos alcançados por Nabopolassar, o império foi dominado por Ciro, rei dos persas.

O Novo Império Babilônico atingiu seu apogeu quando foi governado por Nabucodonosor II, filho de Nabopolassar. Embora existam muitos documentos referentes a seu governo, não se sabe muito sobre ele. A docu-

A CIDADE DE BABILÔNIA NA ÉPOCA DE NABUCODONOSOR

"A cidade formava um amplo quadrilátero de uma vintena de quilômetros, rodeada por uma dupla muralha. O acesso a ela era feito por oito portas. A do norte se abria sobre a via das procissões, que conduzia ao templo de Marduk; ao sul, se estendia a imponente massa do Esagil, o templo de Marduk. Per-

to do templo se levantava a torre de degraus conhecida pelo nome de Etemenanki, que talvez alcançava 100 metros de altura. A nordeste, deviam achar-se os famosos 'jardins suspensos', que foram considerados como uma das Sete Maravilhas do Mundo." (P. Garelli, *El próximo oriente asiático*.)

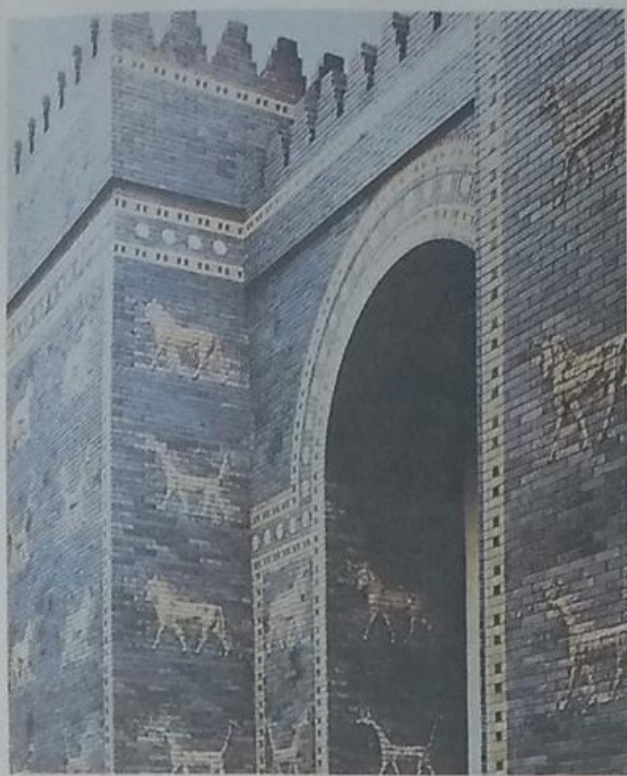
mentação conhecida trata das obras realizadas pelo rei, pouco esclarecendo, porém, sobre as atividades políticas e econômicas que desenvolveu.

Naquela época, a situação internacional era muito favorável ao desenvolvimento do império babilônico. O poderio assírio não existia mais, o império egípcio estava em fase de decadência e a Média estava alinhada politicamente com Babilônia, desde os tempos de Nabopolassar. O próprio rei Nabucodonosor era casado com uma filha do rei medo.

As lutas empreendidas por Nabucodonosor resultaram na ampliação de seu império até a Palestina, que era também disputada pelos egípcios. No sétimo ano de seu reinado, o rei babilônico conquistou aquela região. O rei Joaquim, que governava Jerusalém e havia se revoltado contra Nabucodonosor, foi então substituído pelo rei Sedecías. Destronado, Joaquim foi levado cativo para Babilônia, juntamente com sua família e as pessoas mais importantes que viviam em sua corte.

Em Babilônia, Nabucodonosor realizou uma série de melhoramentos urbanos que fizeram da cidade a mais esplêndida capital do mundo antigo. Cercada por muralhas colossais, embelezada pela construção de templos e de palácios grandiosos, habitada por cerca de um milhão de pessoas, a capital de Nabucodonosor somente viria a ser igualada muito mais tarde pela cidade de Roma, que, naquele tempo, ainda era um centro urbano medíocre.





Reconstituição da Porta de Ishtar, de Babilônia (século VII a.C.), onde tinham início as procissões que seguiam em direção ao templo de Marduk. Museu de Berlim, Alemanha.

Os sucessores de Nabucodonosor não conseguiram manter por muito tempo o império que receberam como herança. Nabonide, o último rei, deixou o governo nas mãos do filho Baltazar por dez anos.

O reino da Média, antigo aliado dos babilônios, tinha sido,

então, anexado por Ciro, rei da Pérsia. Preocupado em ampliar as fronteiras de seu reinado, Ciro avançou contra Babilônia e, em apenas dezessete dias, conseguiu tomar a cidade. O império babilônico, a partir

daquele momento, passou a ser mais uma das províncias do império persa.

Um ano depois desses acontecimentos, Ciro permitiu que os hebreus, cativos em Babilônia desde o tempo de Nabucodonosor, retornassem à Palestina.

Com a tomada de Babilônia pelos persas, encerrou-se um longo período da História Antiga. Os impérios edificadas na Mesopotâmia durante 26 séculos não vieram mais a ser reconstruídos.

Os persas dominaram a região durante duzentos anos. Quando Alexandre Magno, rei da Macedônia, conquistou Babilônia, a cidade já estava em ruínas. Dois mil e duzentos anos após a conquista daquele rei, foram os arqueólogos que trouxeram novamente à luz os restos destruídos da primeira grande capital do mundo.

A PROFECIA DE JEREMIAS SOBRE OS HEBREUS E BABILÔNIA

A tomada de Babilônia e a libertação dos hebreus por Ciro, rei da Pérsia, vieram confirmar as previsões existentes na Bíblia:

"Israel era uma ovelha desgarrada, que os leões afugentaram. O primeiro que a devorou foi o rei da Assíria; e quem por último lhe quebrou os ossos foi Nabucodonosor, rei de Babilônia. Por isso, assim diz o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Israel: Eis que castigarei o rei de Babilônia e seu país, como castiguei o rei da Assíria.

Farei Israel retornar às suas pastagens para que paste no Carmelo e em Basã; nas montanhas de Efraim e em Galaad ele será saciado. (...)

Babilônia se tornará um monte de pedras, um refúgio de chacais, um objeto de espanto e zombaria, onde ninguém habita." (*Jeremias*, 50, 17-19; 51, 37.)

Os dons da terra e a sobrevivência dos povos na Mesopotâmia

As atividades agrícolas

A primeira atividade econômica a ser desenvolvida na Mesopotâmia foi a agricultura. Graças a ela as comunidades primitivas surgidas na região puderam sobreviver.

A paisagem da Mesopotâmia apresenta fortes contrastes. Lá se dispõem, lado a lado, regiões montanhosas, planícies férteis, desertos e pântanos.

A presença dos rios Tigre e Eufrates, cujas cheias ocorrem em abril e junho, respectivamente, facilitou o desenvolvimento das atividades agrícolas em suas margens. No entanto, essas cheias não apresentavam regularidade, e tinham, frequentemente, um caráter catastrófico, pois arrasavam, em pouco tempo, o penoso trabalho realizado pelos agricultores.

Essas e outras dificuldades obrigaram os camponeses mesopotâmicos à cooperação, o que resultou, muitas vezes, em uma coletivização do trabalho imposta pelos governos. O trabalho coletivo, realizado por gerações sucessivas, transformou a região em um verdadeiro jardim.

Para conseguir boas colheitas, os povos da Mesopotâmia descobriram e utilizaram técnicas sofisticadas, entre as quais podemos mencionar a construção de diques e canais, e o plantio de árvores próximas umas das outras, para conter o avanço das dunas de areia nas regiões próximas ao deserto. A invenção do

J.C. LOZOUET/THE IMAGE BANK



arado-semeador, que, além de sulcar o solo, depositava a semente e a recobria de terra em uma só operação, permite-nos avaliar a capacidade inventiva dos primeiros agricultores da História.

Cobrando impostos, pagos com parcelas da própria produção,

O Rio Tigre, nas proximidades de Bagdá.

e impondo exigências para a construção e manutenção de diques e canais, os governos e templos das primeiras cidades, ou até dos primeiros impérios, garantiam o funcionamento das atividades agrícolas necessárias à alimentação de toda a população. Esta, sujeita à imposição das leis e à força das armas de seus governantes, so-

as propriedades privadas e outras que eram cedidas ou arrendadas pelo governo a particulares.

Os templos desempenhavam papel importante no setor agrário. Possuidores de propriedades extensas, eram responsáveis por parcela significativa da produção agrícola nas várias fases da história da Mesopotâmia.

A AGRICULTURA NO IRAQUE ATUAL

Nos dias de hoje o governo do Iraque mostra-se muito preocupado com o desenvolvimento das atividades agrícolas em todo o país. Pode-se comprovar esta afirmação através da existência,

em sua estrutura política, de um Ministério da Reforma Agrária e, também, de um Ministério da Irrigação. As mesmas dificuldades do passado continuam a existir na região.

brevia, muito provavelmente, em condições miseráveis.

Mesmo diante de uma grande quantidade de informações reveladas pelos recentes trabalhos dos arqueólogos, a estruturação e o funcionamento do regime agrário mesopotâmico na Antiguidade continuam mal conhecidos.

Na época dos sumérios, a propriedade das terras parece ter sido coletiva. O sistema agrário de Babilônia é praticamente desconhecido e, entre os assírios, as terras eram divididas em três categorias: aquelas pertencentes ao rei,

Desde o tempo dos sumérios, os produtos básicos da agricultura foram: cereais, como trigo, centeio, cevada e painço; plantas oleaginosas, como gergelim; legumes e frutas. A tamareira foi cultivada em larga escala pois as tâmaras eram utilizadas de diversas maneiras na alimentação.

A criação de gado

A criação de gado foi praticada na Mesopotâmia desde a Pré-História. Entretanto, a adoção da

agricultura pelos povos que ocuparam a região acabou colocando a pecuária em segundo plano.

Desde a época dos sumérios eram criados as-

Animais criados pelos mesopotâmios. Relevo em madrepérola sobre betume (cerca de 2450 a.C.). Museu do Iraque, Bagdá.



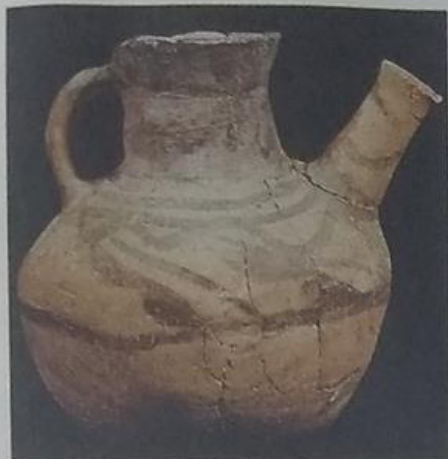
nos, bois, cabras, carneiros, porcos, além de variedades de aves. Os cavalos apareceram em tempos mais recentes e, utilizados nas guerras, alcançavam preços elevados.

Os assírios e os babilônios criavam cavalos em grande quantidade e, pelos desenhos que deixaram, podemos notar que conseguiram aprimorar bastante as técnicas de criação daqueles animais. A criação de ovelhas era importante para o fornecimento de lã, a matéria-prima têxtil mais usada em toda a história da região. A suinocultura foi importante nos primeiros tempos, decaindo mais tarde.

As manufaturas

Desde os primeiros tempos, os mesopotâmios dedicaram-se à produção de inúmeros objetos e utensílios destinados ao uso cotidiano. Os achados arqueológicos revelaram uma grande variedade de produtos, cuja qualidade demonstra uma evolução técnica que acompanhou toda a história da região.

Os artesãos utilizavam como principal matéria-prima a argila, abundante em toda a planície formada pelos rios Tigre e Eufrates. A produção de cerâmica aprimorou-se sempre, desde o período sumério até a



Cerâmica mesopotâmica do IV milênio a.C.

época final do império babilônico.

A invenção do torno do oleiro, em cerca de 4000 a.C., considerado como uma das primeiras máquinas inventadas pelo homem, contribuiu tanto para

o aperfeiçoamento como para o aumento da produção de cerâmica. A utilização da roda em veículos foi, certamente, resultado direto daquele primeiro invento.

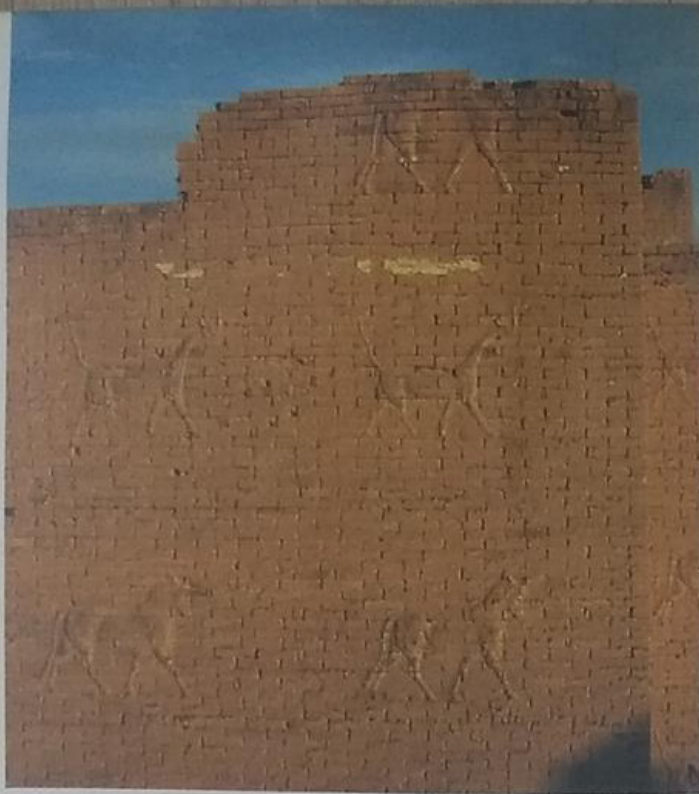
A fabricação de tijolos foi, sem dúvida, a mais importante atividade industrial desenvolvida na Mesopotâmia. A árida região era quase completamente desprovida de pedras e madeiras para construção, o que obrigou os mesopotâmios a utilizar tijolos de barro cozidos ao Sol (adobe) ou, em menor quantidade, tijolos cozidos em fornos. Era também utilizada a técnica de revestir os tijolos com uma camada de esmalte colorido, que dava um acabamento primoroso às construções.

Outras atividades industriais dos mesopotâmios foram a metalurgia, a ourivesaria, a cestaria, a produção têxtil e a fabricação de bebi-

Copo sumério de ouro, proveniente de Ur. Museu do Iraque, Bagdá.



Taça suméria de ouro (cerca de 2500 a.C.). Museu Britânico, Londres.



Parede com relevos em terracota existente nas ruínas de Babilônia. Constituiu a famosa Porta de Ishtar (século VII a.C.).

Os soldados assírios auxiliavam os soberanos na caça aos leões, cercando os animais. Esse era um treinamento de organização, força e disciplina para os verdadeiros combates. Relevô pertencente ao acervo do Museu Britânico, Londres.



das. Os assírios desenvolveram muito as técnicas de metalurgia. Conheciam processos de fundição de ouro, prata, cobre, chumbo e estanho. Utilizavam ainda técnicas de soldagem, de incrustação e de esmaltamento de objetos feitos em metal.

Os ourives mesopotâmicos fabricavam jóias de fino acabamento desde os períodos mais recuados da História. Os túmulos reais de Ur revelaram um verdadeiro tesouro em jóias, que poderiam, com certeza, ser usadas em nossos dias.

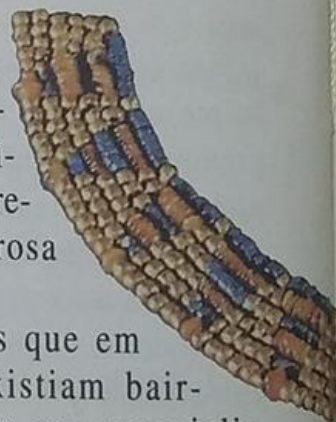
A fiação de lã e algodão e a produção de tecidos elaborados podem ser conhecidas apenas pela observação das obras artísticas que foram encontradas pelos arqueólogos. Os tecidos de lã eram os

mais utilizados, entretanto sua produção era baixa porque os mesopotâmios usavam um método bastante primitivo para obtê-la. A lã era arrancada dos carneiros e não cortada, como se faz atualmente.

Para a indústria de bebidas, sabe-se que era cultivada a cevada, utilizada na fabricação da cerveja, uma das mais antigas bebidas artificiais consumidas pelo homem.

Os documentos até hoje encontrados não nos permitem conhecer com detalhes o sistema de utilização de mão-de-obra nas oficinas mesopotâmicas. Na época da III Dinastia de Ur era explorada a mão-de-obra feminina nas oficinas do governo, que também mantinham um certo número de escravos. Os testemunhos escritos revelam que os templos, entre suas inúmeras funções, contavam com oficinas que empregavam numerosa mão-de-obra.

Sabemos que em Babilônia existiam bairros habitados por especialistas nos diversos tipos de atividades artesanais. Desconhecemos, entretanto, como era organizado o trabalho que realizavam e se havia interferência direta do governo ou da religião em suas atividades.



PETRÓLEO — RIQUEZA DO IRAQUE ATUAL

A riqueza principal e o produto mais importante das exportações do Iraque é o petróleo. A produção iraquiana é responsável por uma parcela significativa do total extraído em todo o mundo. Em 1991, a ocupação do Kwait pelo governo do

presidente Sadam Hussein, que originou a Guerra do Golfo, teve como principal objetivo o acesso à riqueza petrolífera da região, disputada não apenas pelo Iraque, mas também pelas nações industrializadas do Primeiro Mundo.

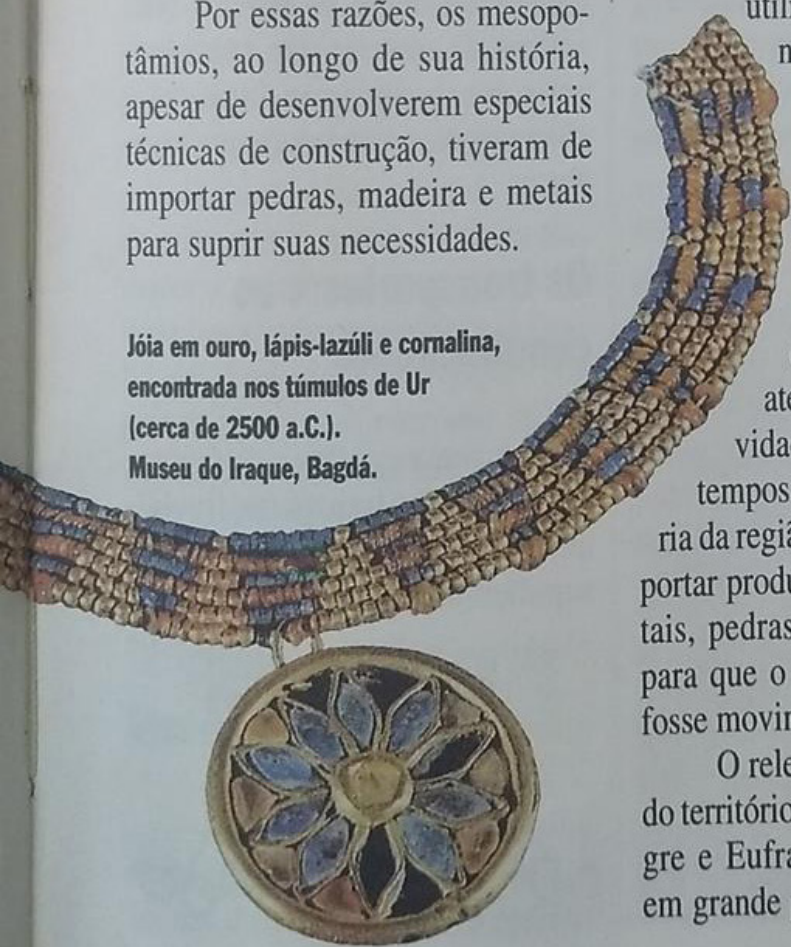
O intendente sumério Ebi-h-il.
Escultura em alabastro
proveniente de Mari
(século XXI a.C.).
Museu do Louvre, Paris.

As riquezas minerais

A Mesopotâmia era uma região pobre em recursos minerais. Na parte sul do território existiam, especialmente, areia, argila e saibro em quantidade. Apenas na Assíria existiam algumas jazidas de metal e uma pequena quantidade de pedras para construção.

Por essas razões, os mesopotâmios, ao longo de sua história, apesar de desenvolverem especiais técnicas de construção, tiveram de importar pedras, madeira e metais para suprir suas necessidades.

Jóia em ouro, lápis-lazúli e cornalina,
encontrada nos túmulos de Ur
(cerca de 2500 a.C.).
Museu do Iraque, Bagdá.

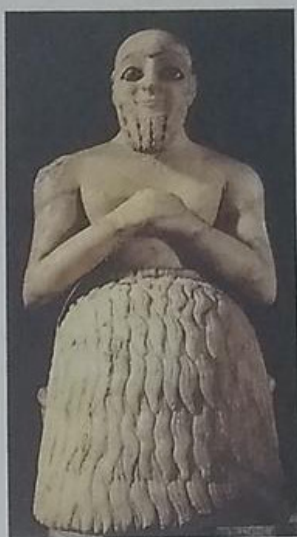


Um produto natural e abundante era o betume, uma substância sólida e negra originada do petróleo, que existia à flor da terra em vários pontos do território. Os sumérios o utilizavam para calafetar as tábuas de suas embarcações e também para firmar os tijolos em suas construções. Milênios mais tarde, além dessas funções, o betume passou a ser utilizado também na iluminação, como combustível para lampiões.

O comércio

Os achados arqueológicos realizados em toda a Mesopotâmia atestam a existência de atividades comerciais desde os tempos mais recuados da história da região. A necessidade de importar produtos lá inexistentes (metais, pedras e madeira) contribuiu para que o comércio internacional fosse movimentado.

O relevo plano da maior parte do território e a presença dos rios Tigre e Eufrates, ambos navegáveis em grande parte de seus cursos, fa-





cio na região entre os rios Tigre e Eufrates. Mari, situada a noroeste de Babilônia, era um verdadeiro entreposto comercial entre a Mesopotâmia e as regiões da Síria e da Fenícia.

Os assírios desenvolveram um comércio centralizado no *Karun*, uma espécie de mercado oficial encarregado das importações e exportações.

Os reis e os

cilitaram o desenvolvimento comercial. Desde a época dos sumérios, caravanas de burros transportavam variados produtos, seguindo caminhos que acompanhavam os grandes rios.

O comércio mesopotâmico era realizado com base na troca, pois a moeda ainda não havia sido inventada (isto só iria acontecer por volta de 687 a.C.). Para facilitar os negócios, foram utilizadas, por cerca de 2 mil anos, medidas de cevada ou pesos determinados de prata e ouro como padrões de comparação.

Algumas cidades da Mesopotâmia foram importantes graças às atividades comerciais que desenvolveram. Babilônia, por exemplo, devido à sua posição geográfica, centralizava o comér-

tempos dominavam as atividades comerciais desde os tempos mais antigos. O controle que estabeleciam sobre o comércio fazia deles compradores e vendedores por excelência.

Os transportes e as comunicações

A presença dos rios favoreceu o uso do transporte fluvial, que sempre foi praticado na Mesopotâmia. Barcos de diferentes





Barcos mesopotâmicos.
Era em embarcações
como essas que os
mesopotâmios percorriam
os rios de sua região.

tamanhos percorriam o Tigre e o Eufrates, alcançando as águas do Golfo Pérsico.

Os caminhos terrestres, geralmente precários e sem segurança, eram percorridos pelas caravanas. Estas transportavam para os lugares mais diferentes as riquezas da região, e deles traziam as mercadorias necessárias ao povo mesopotâmico.

A convivência com os rios provocou soluções interessantes e inteligentes. As pessoas que viajavam costumavam levar consigo uma pele de animal costurada que, depois de inflada com sopro, servia de flutuador e permitia que os cursos de água fossem atravessados com facilidade. Esse equipamento, ao que parece, fazia parte integrante da bagagem dos soldados assírios, que conseguiam, desse modo, maior mobilidade em suas expedições.

Dirigismo econômico na Mesopotâmia

A economia nos impérios mesopotâmicos era, ao que tudo indica, dirigida concomitantemen-

te pelo palácio e pelo templo, ou seja, pelos reis e pelos sacerdotes. Isto fortalecia tanto o Estado como a religião.

As atividades econômicas praticadas pelas populações, desde o tempo dos sumérios, parecem ter sido inteiramente dominadas pelos dirigentes da sociedade. A iniciativa privada, como a conhecemos hoje, talvez não tenha existido.

O dirigismo econômico e a conseqüente exploração da força de trabalho das populações locais devem ter sido constantes ao longo de toda a história da civilização mesopotâmica.

A travessia de um rio não representava grande dificuldade para os mesopotâmios. Inflando couros de animais, os viajantes os utilizavam como bóias para vencer os cursos d'água. Relevo sobre bronze (século IX a.C.).
Museu do Louvre, Paris.



O cotidiano na Mesopotâmia

A civilização mesopotâmica alongou-se por trinta séculos. Para termos uma idéia precisa do que foi sua duração, basta lembrarmos que no momento em que Nabucodonosor edificou os Jardins Suspensos em Babilônia, a cidade de Ur, que brilhara durante mais de quinhentos anos, já estava destruída há quatorze séculos.

Os zigurates marcavam o perfil das cidades mesopotâmicas, sobressaindo ao casario disposto ao longo das ruas.

A vida nas cidades mesopotâmicas passou por uma série de modificações durante sua história. Mesmo assim, muitas tradições, técnicas, instituições e costumes

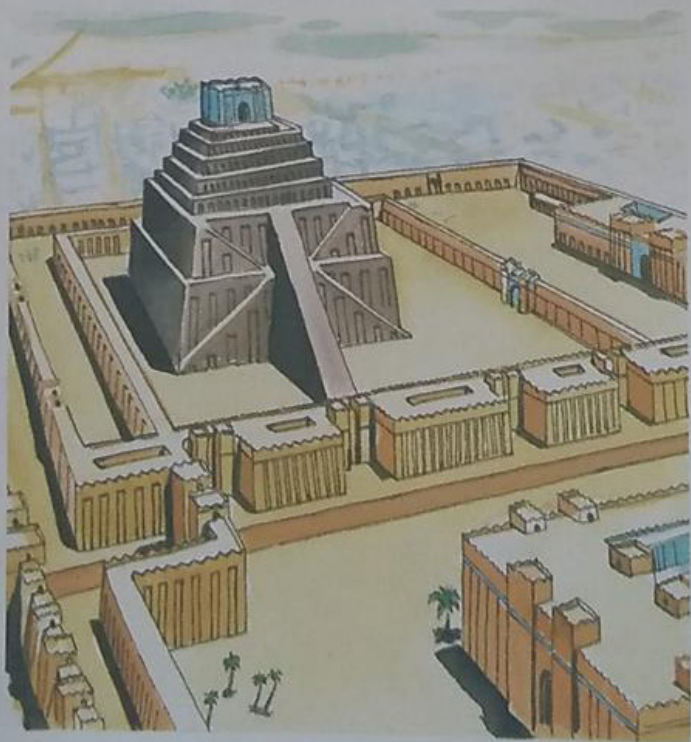
permaneceram inalterados até a ruína final de Babilônia, a capital do último império que existiu na região.

As cidades

Vistas de longe, situadas no meio da planície e cercadas pelo verde das plantações, as cidades mesopotâmicas pareciam muito bonitas. A linha uniforme das muralhas e a parte mais elevada das torres dos templos recortando-se contra o céu eram as silhuetas que mais se destacavam diante dos olhos daqueles que se aproximavam.

O tamanho das cidades e o número de seus moradores variou bastante com o passar do tempo. Ur, no momento de seu apogeu, contava provavelmente com 200 mil habitantes. Babilônia chegou a ter 1 milhão.

As muralhas de adobe que circundavam aqueles primeiros núcleos urbanos tinham portas sólidas revestidas de placas de metal, e somente por elas era possível ter acesso à cidade. Em seu interior estendiam-se ruas geralmente tortuosas, não muito largas e



provavelmente não muito limpas. As ruas principais orientavam-se na direção dos templos, que eram muitos. Só em Babilônia havia cerca de cinquenta.

O povo

Não seria difícil descobrir as diferenças sociais que existiam nas movimentadas ruas e praças das cidades mesopotâmicas. As variadas cores e modelos das vestimentas dos transeuntes deixavam evidentes essas diferenças.

Poderiam ser encontradas mulheres usando vestidos compridos até o tornozelo e um véu cobrindo-lhes o rosto, tradição que o Oriente guarda até os dias de hoje. Havia também mulheres com o rosto descoberto, mas estas eram escravas, criadas ou prostitutas. Para elas, cobrir o rosto era crime punível com uma dolorosa sessão de chibatadas. E, se alguém visse uma daquelas mulheres com o rosto coberto, poderia receber igual punição se deixasse de comunicar aquele "crime" às autoridades.

As mulheres daquela época não tinham muita escolha: o casamento ou o concubinato representavam as principais alternativas. Podiam também tornar-se sacerdotisas e dedicar sua existência à religião. Para os homens, o trabalho no campo, as atividades urbanas ligadas ao comércio ou ao artesanato e a prestação de serviços para os templos ou para o rei eram as alternativas possíveis.



Vista panorâmica de como deve ter sido Babilônia, a mais importante capital da antiga Mesopotâmia. Em primeiro plano destaca-se a entrada principal da cidade.

Quanto aos homens, não era difícil diferenciar os livres daqueles reduzidos à escravidão. Os homens livres vestiam-se com esmero, usando sempre uma saia curta confeccionada em lã ou algodão, enquanto os escravos vestiam-se com simples peças de tecido que amarravam à cintura. Além disso, eram obrigados a manter uma parte dos cabelos permanentemente raspada, para deixar ainda mais evidente a sua condição inferior.

Um ou outro soldado poderia ser visto nas cidades mesopotâmicas. No tempo dos sumérios, ele estaria recoberto por um pesado capote de lã ou de couro, revestido com discos de metal e que cobria também sua cabeça. Já em uma cidade assíria, o soldado estaria vestido com um uniforme mais leve.



Cena da vida cotidiana de uma cidade mesopotâmica.

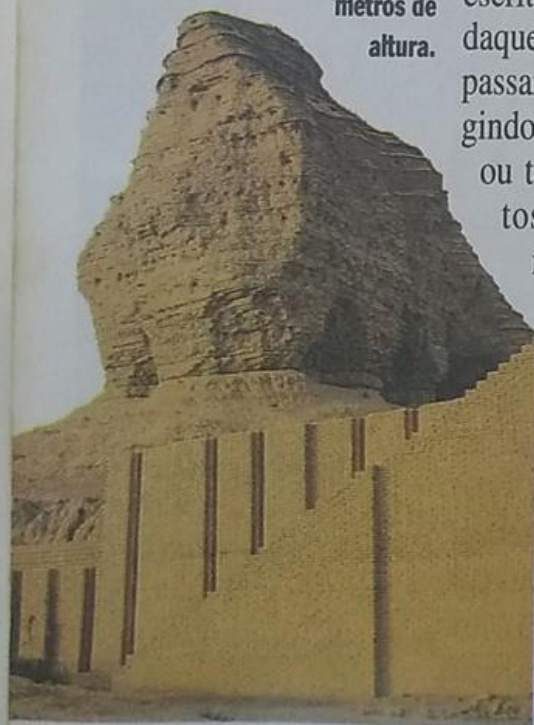
OS ESCRAVOS NA MESOPOTÂMIA

Na Mesopotâmia, as populações sempre foram divididas em pessoas livres e escravas. Os escravos eram prisioneiros de guerra ou pessoas que, por não poderem pagar alguma dívida, eram conduzidas àquela condição. Outros ainda eram escravizados por terem sido vendidos pelos próprios pais. Os escravos eram empregados nos serviços pesados, e não se sabe como viviam ou eram tratados. Porém pesquisas indicam que, em certas épocas, podiam comprar até mesmo sua liberdade.

Detalhe do Estandarte de Ur, em lápis-lazúli, calcário e conchas incrustadas (cerca de 2500 a.C.). Sentado em seu trono, o rei é assistido por alguns de seus dignitários. Museu Britânico, Londres.



Próximo de Bagdá encontram-se as ruínas de Dur Kurigalzu, cidade que foi a capital dos cassitas. O zigurate visto ao fundo, hoje muito danificado pelo tempo, alcançava 57 metros de altura.



Crianças e jovens também circulavam pelas cidades mesopotâmicas. Alguns se dirigiam à *eduba* de algum templo, isto é, à escola, onde, sentados em incômodos bancos feitos de argila e sob a direção de algum sacerdote, aprendiam a arte da escrita, uma das grandes invenções daquela época. Outras, quem sabe, passariam em sentido contrário, fugindo da aula para vadiar pelas ruas ou tavernas. Estes estabelecimentos, que eram provavelmente muitos, tinham uma frequência predominantemente masculina. Abrindo suas portas diretamente para as ruas, revelavam ambientes escuros, de onde emanavam, com certeza, os cheiros fortes de comida e cerveja.

Nas praças, uma espécie de feira provavelmente atrairia a atenção de qual-

quer visitante que por ali passasse. Em meio à algazarra que até hoje caracteriza esses locais, certamente haveria uma grande variedade de produtos à venda. Peixes recém-pescados nas águas do rio próximo, cereais, legumes e frutas estariam ali expostos, ao lado de tecidos de qualidade, carneiros irrequietos, vasos de cerâmica, asnos barulhentos e jóias de valor.

As construções

Ainda hoje, no atual território iraquiano, encontram-se as ruínas das antigas cidades mesopotâmicas. Ao observá-las podemos perceber que os palácios e os templos eram seus principais edifícios.

Nos templos eram exercidas as mais diferentes atividades. Ao passar por eles, o movimento das pessoas, os sons e os cheiros que podiam ser notados indicariam as funções que desempenhavam nas velhas cidades. Sons de marteladas sobre madeira ou metal incandescente, cheiros de madeira recém-cortada ou do tratamento dos couros estariam entre outras impressões que poderiam despertar interesse.

No interior dos templos ficavam as estátuas "orantes", utilizadas para substituir, diante das imagens

dos deuses, os fiéis ausentes. No local seria fácil encontrar alguém entregando aos sacerdotes aves ou carneiros destinados ao sacrifício. Essa pessoa, ao fazer sua oferenda, esperava conseguir sucesso nas colheitas e nos negócios, saúde para sua família, vitória em algum combate ou sorte no amor.

O ponto mais atraente de uma cidade mesopotâmica seria, certamente, o zigurate, a torre do templo principal. Construídos em degraus, os zigurates atingiam até 100 metros de altura. Eram um complemento externo dos templos que, além de serem utilizados nos cultos, serviam, ao que tudo indica, como observatórios astronômicos.

Os tijolos esmaltados de suas plataformas, cada uma de cor diferente, erguiam-se por seis ou sete andares e refletiam a luz do Sol, o que, sem dúvida, devia ser um espetáculo belíssimo. Do alto dos zigurates podia-se ver toda a cidade, os campos verdes de cultura cortados geometricamente pelos canais, os pomares e as hortas, além das águas do rio mais próximo, que brilhavam à luz do dia.

No topo dos zigurates existia uma capela, um cômodo relativamente pequeno, onde apenas uma cama servia de mobiliário. Ali, se-

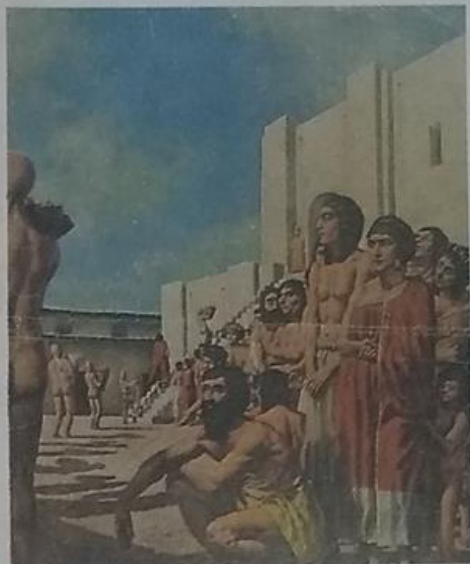
gundo acreditavam os mesopotâmios, o próprio deus, cuja estátua estava no templo, descia do céu para a realização da *hierogamia*, uma cerimônia que simbolizava seu casamento sagrado com uma sacerdotisa.

A pobreza da maioria das casas da cidade contrastava violentamente com os edifícios "públicos". Nelas, o mobiliário era muito pobre, a higiene, mínima e o desconforto, total. As paredes de barro esboroavam-se facilmente, favorecendo a atividade dos ladrões, que poderiam ser mortos ou terem amputadas as mãos no caso de serem presos. Mas nem por isso deixavam de roubar.

A escuridão interna das residências era pobremente diminuída pelo brilho oscilante, fumarento e fraco das lamparinas abastecidas com óleo ou betume. Nesses ambientes sombrios, os habitantes das cidades mesopotâmicas faziam suas refeições e passavam a maior parte de seu tempo ocioso.

Foi em cenários como estes que os mesopotâmios viveram sua civilização. Nem alegres nem tristes, eles foram os iniciadores de uma experiência única na história da humanidade. Construíram o primeiro ambiente artificial criado pelo homem, estabelecendo as bases do lugar de encontro dos seres humanos por excelência, que é a cidade, a célula-matriz do desenvolvimento das sociedades.

Sacerdote em uma procissão. Cena comum nas cidades mesopotâmicas.



Estátua "orante" em bronze, encontrada em Ur. Museu do Louvre, Paris.

O aparecimento da religião

Os sumérios criaram a primeira religião que surgiu na Mesopotâmia. Politeístas, no início adoravam os animais e as forças da natureza. Depois, seus deuses passaram a ser representados sob a forma humana.

As crenças dos mesopotâmios baseavam-se no temor aos deuses. Desse modo, a preocupação maior de seus seguidores estava em agradá-los para que, assim, eles não os punissem.

A religião mesopotâmica teve sempre um caráter sombrio. Não incluía idéias sobre a ressurreição dos mortos, não sugeria a existência de um paraíso ou qualquer tipo de recompensa depois da morte. Entretanto, mesmo baseada no medo, sobreviveu com poucas modificações durante trinta séculos.

Como politeístas, os mesopotâmios reverenciavam inúmeros deuses e deusas. Cada cidade adorava uma divindade especial, que era considerada sua padroeira. Quando havia guerra entre duas cidades, os mesopotâmios acreditavam que a

luta representava um confronto entre seus deuses protetores. Os vencedores, para desmoralizar completamente os vencidos, levavam a imagem de seu deus ou deusa principal junto às presas de guerra, e, muitas vezes, impunham seus deuses aos povos vencidos. Quando Babilônia foi governada por Hamurabi, o deus Marduk, protetor dos babilônios, passou a ser o deus principal de todo o império. Hamurabi realizou a unificação política e religiosa de toda a Mesopotâmia. Os assírios, mais de mil anos mais tarde, agiram de modo semelhante, quando impuseram seu deus — Assur — a todo império que conquistaram.

A religião estava presente em todos os atos da vida dos mesopotâmios. Os templos, o clero e os cultos religiosos foram os instrumentos utilizados para garantir aos homens a paz e a tranquilidade ao longo de suas vidas.

A adoração aos deuses

A maioria dos deuses mesopotâmicos foi criada pelos sumérios. Os babilônios e os assírios adotaram aqueles deuses, modificando-lhes apenas os nomes.

Os deuses adorados não eram muito diferentes dos homens que os criaram. As pessoas comuns diferenciavam-se deles por não terem poderes especiais ou o direito à imortalidade.

Os demônios tinham, na religião da Mesopotâmia, funções muito parecidas às dos deuses.

Desde os primeiros momentos da história da Mesopotâmia

PRINCIPAIS DEUSES DA MESOPOTÂMIA

DEUS(A)

ANU

ENLIL

NINHURSAG

ENKI

NANNA

UTU

SIN

ISHTAR

SHAMASH

MARDUK

ASSUR

ATRIBUTOS

Representava o céu. Formava trindade com Enlil e Ninhursag.

Deus do ar, da atmosfera.

Deusa da fecundidade.

Deus das águas, conhecido como *Ea* na Suméria.

Deusa da Lua, chamada também *Inanna*.

Deus do Sol.

Deus Lua, conhecido como *Nannar* na Suméria.

Deusa da guerra e do amor.

Deus do Sol, filho de Sin.

Criador dos homens. Vencedor de Tiamat (o Caos).

Deus guerreiro dos assírios.

dade, que era privilégio de apenas alguns dentre os deuses. Existia o costume de agrupar os deuses em trindades ou tríades, como aconteceu também na religião dos egípcios.

Os mesopotâmios também adoravam alguns personagens semi-divinos, como o herói Gilgamés, que foi, comprovadamente, um dos reis da cidade de Uruk. Entre os numerosos demônios temidos por eles destacava-se Pazuzu, associado à peste e às epide-

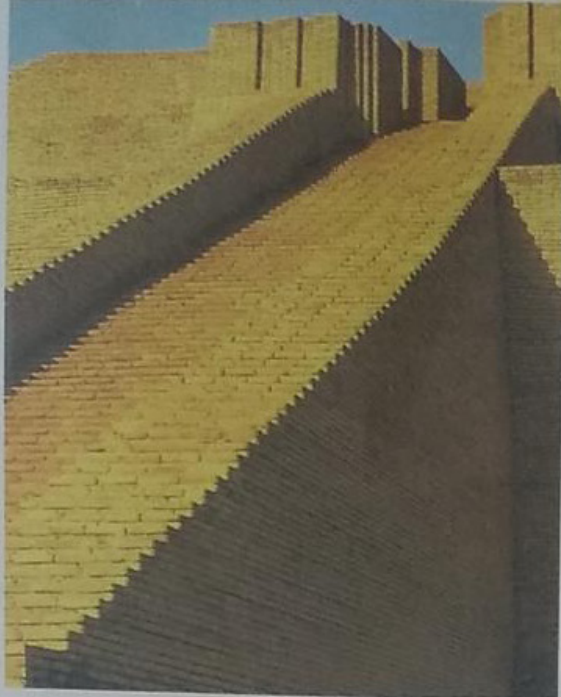
existiu a preocupação com a edificação de templos, construídos com o objetivo de servirem

como casas divinas, verdadeiras residências dos deuses. Nos primeiros tempos, entretanto, tudo indica que os templos eram, a um só tempo, morada para os deuses e para os reis. O local mais importante era o compartimento interno onde ficava o altar destinado aos sacrifícios que compreendiam libações (ingestão de bebidas) ou a queima de par-



O demônio Pazuzu, cuja figura apavorante lembra Satanás. Estatueta em bronze, com apenas 15 centímetros de altura (primeira metade do I milênio). Museu do Louvre, Paris.

Zigurate de Ur.
Reconstituído por
arqueólogos, é um dos
mais conservados de
toda a Mesopotâmia.



tes do corpo de animais mortos
para esse fim.

Culto religioso

No início da história da Mesopotâmia, o poder político estava ao encargo dos reis, que eram, ao mesmo tempo, sacerdotes. Havia quarenta diferentes categorias de sacerdotes, aos quais cabia realizar todos os serviços nos templos. Era comum o serviço de sacerdotisas, e uma das peculiaridades da religião mesopotâmica era a prostituição sagrada,

praticada por aquelas mulheres. Mais tarde a religião grega também adotou essa prática.

Em Babilônia havia manifestações de cultos públicos como a festa de ano novo, que compreendia a realização de orações e procições. Nada se sabe sobre a existência de um culto doméstico ao longo da história da Mesopotâmia; sabe-se porém que os mortos eram venerados nos cultos desde a época dos sumérios.

Aos mortos, os mesopotâmios deviam basicamente duas obrigações: promover seu sepultamento e realizar sacrifícios em sua memória. Acreditavam que, além da morte, havia o “país de onde não se retorna”, o sombrio país dos mortos, para onde iam todas as pessoas, tanto as más como aquelas que tinham sido boas durante a vida. Naquele lugar, os defuntos alimentavam-se de uma trágica dieta de poeira e terra diluídas em água. Não sofriam qualquer castigo, mas também não recebiam nenhuma recompensa. Por essa razão, os vivos

AS TUMBAS REAIS DE UR

Em 1926, o arqueólogo inglês Leonard Wooley encontrou as tumbas reais de Ur. A descoberta, única em seu gênero, revelou a existência de um culto aos mortos sem paralelo na história da Mesopotâmia. Nos túmulos dos reis, datados de 3000 a.C. aproximadamente, foram encontradas dezenas de cadáveres de

pessoas que, ao que tudo indica, acompanharam espontaneamente o rei, a quem serviram até em sua morte. Taças encontradas ao lado dos esqueletos mostram que essas pessoas tomaram ou um forte narcótico ou um veneno violento antes de serem jogados sobre elas os primeiros punhados de terra.

deviam colocar alimentos nos túmulos dos mortos, para que estes, juntamente com os sacrifícios feitos, diminuíssem sua angústia e sofrimento.

Entre as manifestações de culto prestadas pelos mesopotâmios, podemos enumerar a adivinhação, a crença nos presságios e a crença na magia.

A **adivinhação** era aceita como uma solução para todos os problemas que perturbassem a humanidade. Existiam vários processos que, para os mesopotâmios, permitiam a adivinhação. Entre eles, podemos destacar os seguintes:

- **astrologia** — adivinhação do futuro das pessoas com base na posição dos astros no dia de seu nascimento. Até hoje a astrologia tem muitos seguidores;

- **hepatoscopia** — processo de adivinhação que se baseava no exame do fígado de animais para revelar o futuro das pessoas;

- **oniromancia** — adivinhação do futuro pela interpretação dos sonhos;

- **oráculo** — resposta dada pela divindade, através de sacerdote ou sacerdotisa, às perguntas formuladas pelos fiéis;

- **ornitomancia** — processo de adivinhação pela observação e interpretação do vôo dos pássaros.

Os **presságios** eram indicações de acontecimentos bons ou maus que iriam ocorrer. Os eclipses, por exemplo, eram considera-

dos como mau presságio, e podiam apavorar as pessoas que os assistissem. Quando aconteciam, o povo costumava fazer o maior barulho possível, pensando assim poder evitar que o disco do astro em eclipse — a Lua ou o Sol — fosse apagado do céu.

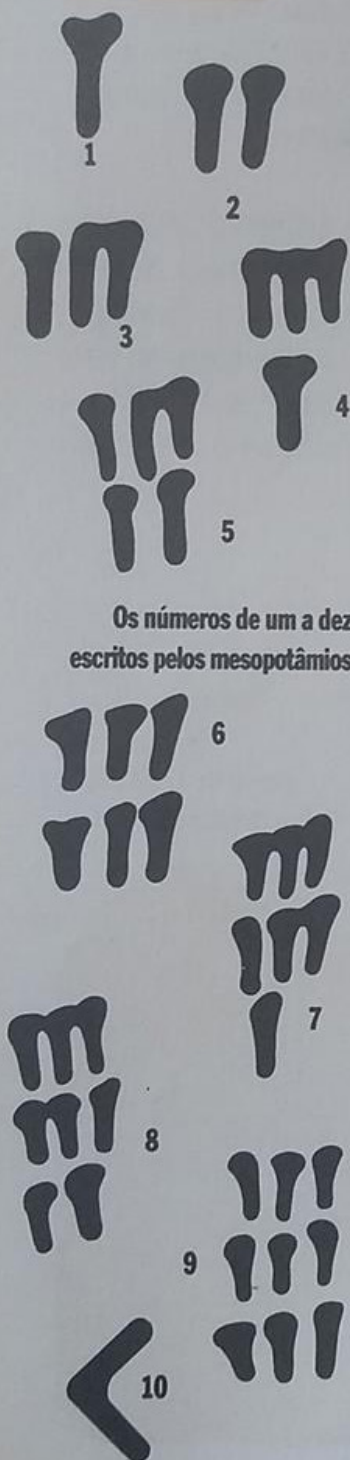
A **magia** também fazia parte das crenças dos povos da Mesopotâmia, que acreditavam ser possível,

O ECLIPSE DE 6 DE JULHO DE 1991

Em julho de 1991 ocorreu um eclipse do Sol visível totalmente apenas na Região Norte do Brasil. Nessa ocasião, um jornal de Manicoré (AM) relatava: "Durante os eclipses da Lua ou do Sol, a população costuma bater em latas e fazer ruídos (...) o comportamento é herança da cultura indígena (...)" (in *Folha de S. Paulo*, 5 de julho de 1991.)

a algumas pessoas, adquirir invisibilidade, como também assumir formas diferentes da humana.

Alguns mitos e crenças dos mesopotâmios tiveram grande influência sobre a religião de outros povos do Oriente. Muitos historiadores admitem, por exemplo, que o herói Gilgamés teria inspirado aos gregos a criação do mito de Hércules, um herói ou semideus que os romanos, séculos mais tarde, conheceram pelo nome de Hércules. Ishtar, a deusa mesopotâmica da guerra e do amor, teria inspirado a criação de Astartéia, deusa fenícia de iguais atributos. A crença nos demônios pode ter influído na história de Satanás, surgida entre os hebreus.



Os números de um a dez,
escritos pelos mesopotâmios.

As primeiras civilizações que surgiram na Mesopotâmia estão separadas de nós por um período de cinquenta séculos. Em nossos dias, entretanto, convivemos com problemas parecidos com aqueles enfrentados pelos antigos mesopotâmios. Para resolvê-los, utilizamos inúmeras soluções que aqueles povos descobriram e que, ainda hoje, continuam adequadas.

Foi na região dos rios Tigre e Eufrates e nas terras do Egito banhadas pelo Rio Nilo que o homem deu início ao que denominamos civilização. Desde aquele período remoto, a humanidade efetua suas conquistas com base no desenvolvimento científico que tem elaborado. Ora, o povo mesopotâmico foi, talvez, o mais antigo responsável pela descoberta das ciências.

A invenção da Matemática

Os povos que viveram na Mesopotâmia desenvolveram estudos de Matemática por razões exclusivamente práticas. Era preciso medir as superfícies a serem plantadas,

avaliar preços, calcular volumes, estabelecer um calendário, e tudo isso exigia raciocínios matemáticos.

O sistema numérico decimal é utilizado, em nossa época, praticamente em todo o mundo. Os mesopotâmios já o conheciam. Eles criaram o sistema numérico sexagesimal, que tem como base o número sessenta. O sistema sexagesimal é usado ainda em nossos dias, 4.500 anos após sua invenção, em cálculos de Geometria e na medição do tempo. O zero era desconhecido dos mesopotâmios, tendo surgido apenas por volta do ano 300 a.C.

A divisão da hora em sessenta minutos e desses em sessenta segundos, assim como a divisão do círculo em 360 graus são devidas também a esse povo antigo. Para facilitar os cálculos aritméticos, foram elaboradas na Mesopotâmia tabelas que incluíam um grande número de problemas de multiplicação e de divisão já resolvidos.

Acredita-se que os mesopotâmios teriam até descoberto elementos de Álgebra ao realizar operações de cálculo com a utilização de símbolos não-numéricos. Eles também não ignoravam os processos de potenciação, elevando números ao quadrado e ao

Quando conferimos as horas em nossos relógios ou consultamos um calendário, quando comentamos a respeito do signo do zodíaco que preside o nascimento de alguém ou estudamos problemas de Geometria, estamos, muitas vezes sem saber, usando as invenções e descobertas feitas pelos mesopotâmios há milhares de anos.

cubo, bem como processos de extração de raízes quadradas e cúbicas.

As medidas de comprimento, volume e peso usadas na Mesopotâmia variaram muito com o passar do tempo. Elas não são muito conhecidas, pois baseavam-se em medidas do próprio corpo humano: palmo, braço, dedos. As medidas de peso foram usadas desde 2500 a.C. e destinavam-se principalmente às atividades comerciais.

A Geometria era bem conhecida pelos mesopotâmios, que sabiam calcular a área de superfícies poligonais e o volume de sólidos, como a pirâmide, o cubo, cones e cilindros. De maneira prática, também sabiam calcular a relação existente entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro, que corresponde ao número hoje conhecido pelo nome de "Pi" (π).

A descoberta do universo: a Astronomia

Desde os primeiros tempos os mesopotâmios precisaram estabelecer um calendário exato. Era necessário prever, com antecipação, as enchentes dos rios, como também regular, com exatidão, as atividades do governo.

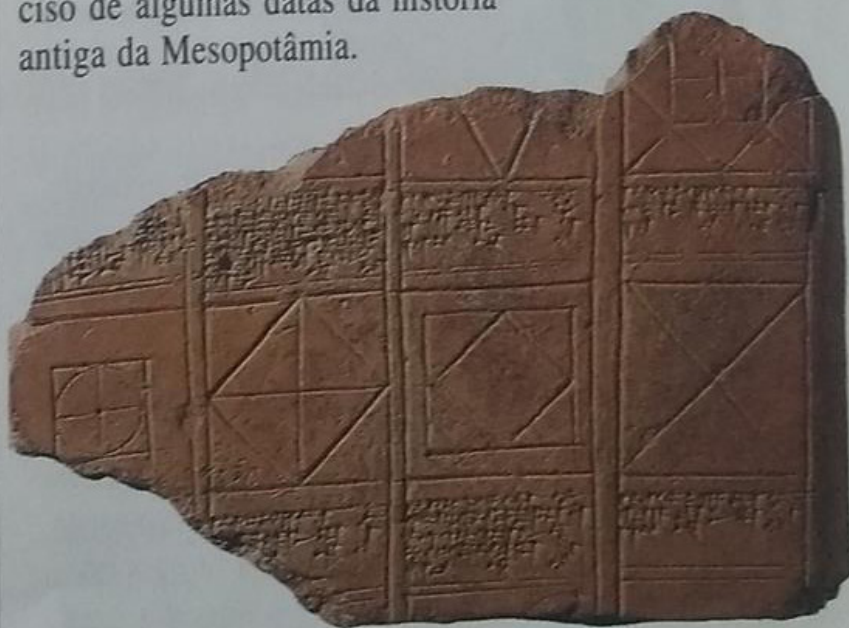
A observação dos corpos celestes permitiu que elaborassem um calendário baseado na sequência das fases da Lua. O

ano lunar mesopotâmico era dividido em 360 dias. Como na realidade o ano tem a duração de 365 dias, depois de algum tempo eles mesmos faziam a correção, intercalando um mês a mais na duração do ano escolhido para o acerto do calendário.

Algumas anotações que se referiam à ocorrência de eclipses e ao aparecimento de estrelas em pontos determinados do horizonte facilitaram o estabelecimento preciso de algumas datas da história antiga da Mesopotâmia.



Placa de terracota com um cálculo matemático e um problema de Geometria gravados em sua parte superior. Proveniente de Tell Harmall, nas proximidades de Bagdá.



Placa de argila com cálculo de Geometria (cerca de 1700 a.C.). Museu Britânico, Londres.

A CONCEPÇÃO DO MUNDO SEGUNDO OS MESOPOTÂMIOS

Os mesopotâmios acreditavam que a Terra tinha a conformação de um planalto redondo, sobre o qual estava apoiada a abóbada do céu, feita de um material sólido. O conjunto estaria flutuando sobre um abismo, que eles designavam pelo nome de *Apsu*.

Acredita-se que a observação astronômica era feita do topo dos zigurates. Na Assíria, o rei Assurnasirpal mandou construir um observatório astronômico em Kalah, a capital que fundou.

A Medicina mágica

Na Antigüidade nada se sabia sobre a origem microbiana das doenças ou sobre as funções exercidas pelos órgãos do corpo humano. Naquela época, a Medicina era influenciada pela magia. Para os médicos mesopotâmicos, as doenças eram provocadas por demônios que se instalavam no corpo das pessoas em razão de pecados por elas come-

tidos. Portanto as atividades médicas deviam ter como objetivo a expulsão daqueles demônios. A Medicina era, então, encarada como um exercício de exorcismo, e assim foi durante muito tempo: uma estranha combinação de magia e prescrição de remédios e tratamentos especiais.

Com o tempo, a Medicina perdeu, em parte, seu aspecto religioso. As doenças passaram a ser vistas como oriundas de causas naturais, independentes da índole dos pacientes.

Mesmo limitada a crenças não-científicas, a Medicina mesopotâmica alcançou certo desenvolvimento. Os médicos sabiam diagnosticar doenças dos olhos, ouvidos, pele e coração. Conheciam, por seus sintomas, doenças como tuberculose, lepra, hérnia, sarna e reumatismo. Alguns dos medicamentos que recebiam eram extraídos de plantas: de casca, flores, frutas, folhas e raízes. Outros eram obtidos a partir de órgãos de animais ou de produtos minerais como o cobre e o sal. O uso

OBRIGAÇÕES DOS MÉDICOS SEGUNDO O CÓDIGO DE HAMURABI

O código de leis estabelecido pelo rei babilônico Hamurabi dedicava nove artigos aos direitos e deveres dos médicos. Assim, se estes operassem com êxito o olho de um homem livre, receberiam 10 siclos (medida de peso) de prata como pagamento. Se, entretanto, da cirurgia resultava a perda do olho, era ampu-

tada a mão do responsável. Quando um escravo operado não sobrevivía, o médico tinha de compensar sua morte por meio da entrega de outro ao dono do escravo morto. Quando restabelecia um osso quebrado, o médico recebia, como pagamento, 5 siclos de prata. (E. Bouzon, *O Código de Hamurabi*.)

de ervas, colhidas em épocas determinadas em função das fases da Lua, era também muito comum.

Os remédios mesopotâmicos eram ministrados sob formas diferentes: pílulas, pomadas, pós ou clisteres. Nos templos de Babilônia, por volta do século V a.C., existiam verdadeiras escolas de Medicina, dirigidas pelos sacerdotes. Naquela cidade, desde o tempo do rei Hamurabi, era dada especial atenção ao exercício daquela atividade.

Os médicos mesopotâmicos alcançaram reputação tão elevada em sua época que era freqüente a ida de alguns deles ao Egito, a pedido dos faraós.

A Medicina Veterinária também era praticada com êxito na Mesopotâmia. Porém não é possível afirmar se existiam profissionais voltados para essa especialidade.

Outras ciências desenvolvidas pelos mesopotâmios

Os mesopotâmios desenvolveram, além da Matemática, da Astronomia e da Medicina, elementos de outras ciências.

A História não chegou a se caracterizar como ciência estruturada. Os reis da Assíria mandavam elaborar documentos que valorizavam seus governos, as glórias militares que obtinham ou as obras que edificavam. O estudo desses documentos foi útil para a reconsti-

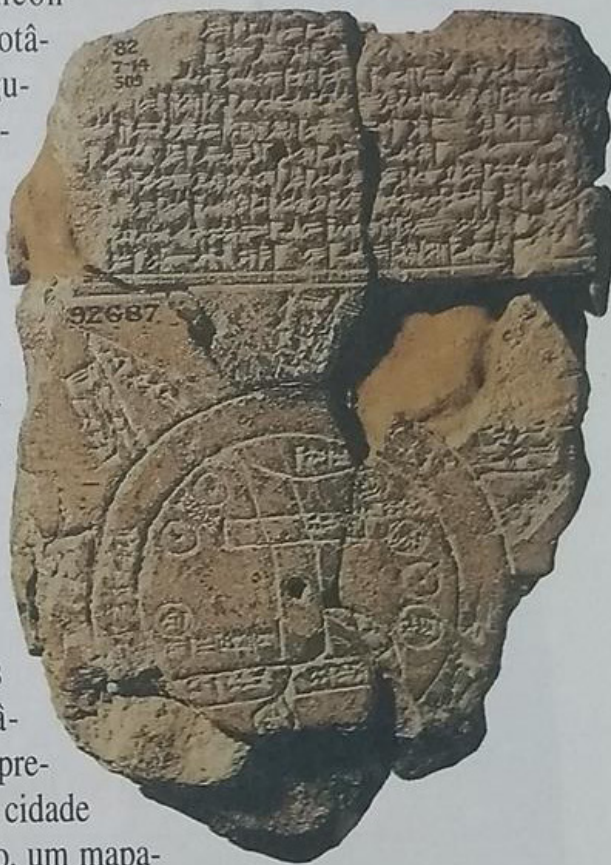
tuição da história de sua época. Mas não se pode afirmar que só por esse motivo a História tenha sido ciência de destaque na antiga Mesopotâmia. As obras mais conhecidas são a lista real suméria, as crônicas de Sargão de Agadê, de Naram-Sin, de Gudéia e de Hamurabi. Inúmeras inscrições reais, cartas, anais e listas de reis deixadas pelos semitas estão entre os documentos de valor histórico encontrados na Mesopotâmia, além de algumas plantas de edifícios que facilitaram muito o trabalho dos arqueólogos em suas escavações.

Os conhecimentos de Geografia eram muito limitados. Chegaram até nós apenas dois mapas elaborados pelos mesopotâmios: um que representa a planta da cidade de Nippur e outro, um mapa-múndi muito esquematizado.

Os estudos de Ciências Naturais desenvolvidos pelos mesopotâmios resumiram-se à elaboração de listas intermináveis de nomes de animais, insetos, minerais e plantas.

Ao Direito, a ciência mais documentada entre todas aquelas conhecidas pelos mesopotâmios, dedicamos o capítulo a seguir.

Mapa-múndi babilônico.
Nele estão representadas as cidades de Babilônia e Assur, além das montanhas e o mar. Baixo-relevo em argila (século VI a.C.).
Museu Britânico, Londres.



O nascimento da lei

As primeiras leis

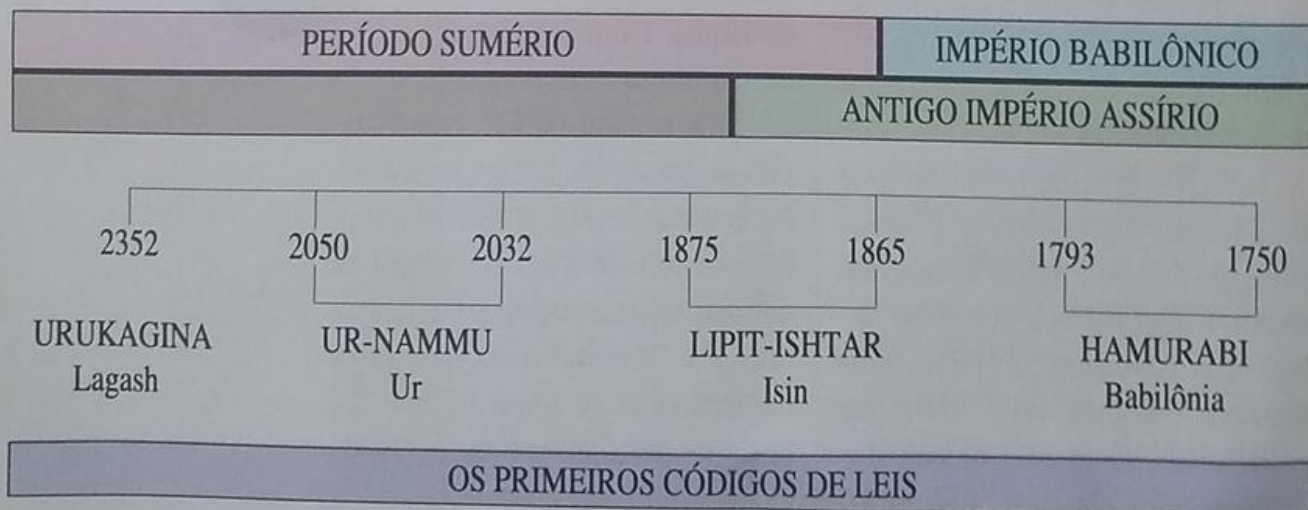
Quando surgiram as primeiras cidades, seus governantes tiveram de estabelecer regras para garantir a convivência entre seus habitantes. Essas regras podem ser consideradas as primeiras leis, elaboradas muito antes da invenção da escrita. A partir da época em que a técnica da escrita foi descoberta, surgiram as primeiras leis que realmente conhecemos.

O código de leis mais antigo de que se tem notícia foi elaborado pelo rei Ur-Nammu, que se intitulava "Rei da Suméria e de Acad". Ele foi o governante da cidade de Ur 2 mil anos antes de Cristo nascer. O código de Ur-Nammu foi encontrado em 1952 (d.C.) e publica-

do pela primeira vez dois anos depois. Outro código, o de Lipit-Ishtar, rei de Isin, continha cem artigos. É mais recente e apenas parcialmente conhecido.

O Código de Hamurabi

O Código de Hamurabi, apesar de não ter sido a primeira coleção de leis escritas pelo homem, é o mais conhecido dos códigos elaborados na Antiguidade. Sua importância se deve ao fato de ter chegado intacto a nossos dias. Seus 282 artigos permitiram aos estudiosos não apenas conhecer o direito babilônico antigo, mas também elementos valiosos de informação a respeito da economia, da sociedade e da cultura daquela época.



A ESTELA DE HAMURABI E SUA HISTÓRIA

Os elamitas conquistaram Babilônia por volta do ano 1160 a.C., depois de vencerem os cassitas, que dominaram a cidade por quatrocentos anos. Entre os despojos levados pelos elamitas para sua capital, Susa, estava um monumento de pedra, de 2,25 m de altura com

3.600 linhas inscritas. As ruínas de Susa foram desenterradas no início do século XX, mais de 3 mil anos depois. Entre os tesouros encontrados, estava o antigo monumento. As inscrições que continha, depois de decifradas, revelaram o antigo código babilônico do rei Hamurabi.

O Código de Hamurabi, inscrito em uma estela cilíndrica de basalto descoberta em 1902. Na parte superior, o deus Shamash passa às mãos do rei Hamurabi o texto do código que tornou famoso o seu nome. Museu do Louvre, Paris.

A lei de talião no Código de Hamurabi

As leis estabelecidas pelo Código de Hamurabi são muito severas. Na Antiguidade as penas estabelecidas pelas leis tinham de ser proporcionais aos crimes cometidos. A idéia pode ser expressada pela fórmula "olho por olho, dente por dente, vida por vida". Dessa maneira, aquele que matasse alguém deveria ser morto; para outros crimes, as penalidades podiam ser diferentes: o criminoso podia ter as mãos amputadas, suas orelhas cortadas ou ter um dos olhos arrancado. A lei de talião, que tem o significado de lei de retaliação ou de vingança, foi muito utilizada no Código de Hamurabi.

Em nossos dias, a penalidade a ser cumprida por quem desobedece à lei é vista sob outro aspecto. Hoje, a pena procura ter um caráter educativo, além do exclusivamente punitivo. Entre os povos da Idade Antiga, a lei de talião foi comumente usada. Era encontrada na legislação dos assírios, marcada pela brutalidade,

na legislação dos hebreus, transcrita na Bíblia, bem como nas leis islâmicas contidas no Corão, livro sagrado ditado por Maomé.

O conteúdo do Código de Hamurabi

A decifração do Código de Hamurabi possibilitou o conhecimento da sociedade babilônica da época em que vigorava. Em seus artigos são enumeradas dezenas de profissões e situações que permitiram a reconstrução da vida cotidiana daquele tempo.

Babilônia, depois da leitura do velho código, deixa de ser o conjunto de ruínas em que os milênios de abandono a reduziram. Diante das novas informações, a cidade ressurgiu cheia de vida, com suas ruas



apinhadas de gente, casas de comércio, oficinas de artesãos, mercados, tavernas, templos e palácios. Por meio da leitura do antiquíssimo código, podemos conhecer os problemas que faziam parte do dia-a-dia das pessoas que lá viveram há tantos milênios.

Os babilônios, tal como os habitantes das grandes cidades modernas, conviviam com problemas de segurança, pobreza de recursos econômicos, gastos familiares, despesas com casamentos, construção de casas, além daqueles ligados às crenças religiosas, tais como a prestação de juramentos em nome dos deuses e o temor à feitiçaria.

Na cidade, os homens livres, os escravos e demais pessoas cuja situação social não é bem definida compõem, no texto do código, o panorama geral e o retrato mais fiel conhecido de uma sociedade urbana do passado.

O Código de Hamurabi não foi o primeiro a existir na Mesopotâmia. A severidade excessiva de algumas de suas leis representa um retrocesso se as compararmos com aquelas que faziam parte do Código de Ur-Nammu. Entretanto a tentativa de Hamurabi em unificar as leis de seu reino e a preocupação em fazer prevalecer a justiça justificam a fama que envolveu seu nome em toda a História.

TRECHO FINAL DO CÓDIGO DE HAMURABI

“Para que o forte não oprima o fraco, para fazer justiça ao órfão e à viúva, para proclamar o direito do país em Babilônia, a cidade cuja cabeça An e Enlil levantaram, na Esagila, o templo cujos fundamentos são tão firmes como o céu e a terra, para proclamar as leis do país, para fazer direito aos oprimidos, escrevi minhas preciosas palavras em minha estela e coloquei-a diante de minha estátua de rei do Direito (...)” (Emanuel Bouzon, *O Código de Hamurabi*.)

A invenção da escrita

13

A escrita mais antiga

As escavações arqueológicas realizadas na Mesopotâmia revelaram não apenas as ruínas de suas cidades, mas também uma imensa quantidade de placas de argila e monumentos recobertos de inscrições desconhecidas.

Os estudiosos tiveram de enfrentar um duplo desafio, pois desde logo ficou evidente que eram usadas duas escritas

diferentes na Mesopotâmia, e era preciso decifrá-las. A mais antiga era a escrita dos sumérios, a outra, a escrita dos assírios e dos babilônios. Posteriormente verificou-se que uma derivava da outra.

Os egípcios inventaram a escrita provavelmente na mesma época que os sumérios. A existência do papiro, uma planta encontrada em abundância às margens do Rio Nilo, facilitou o

desenvolvimento da escrita egípcia. Com o papiro produziu-se um tipo de papel que foi utilizado durante milênios.

A argila foi o material utilizado como suporte da escrita na Mesopotâmia. Em placas geralmente pequenas de argila úmida, eram feitas as inscrições. Depois elas eram colocadas à luz do Sol para secar.

A invenção da escrita se deve, provavelmente, aos sacerdotes sumérios. Eles precisavam registrar, de alguma forma,

o recebimento de produtos, sua distribuição e as despesas feitas pelos templos.

As mais antigas plaquinhas gravadas com a escrita suméria foram as encontradas nas ruínas da cidade de

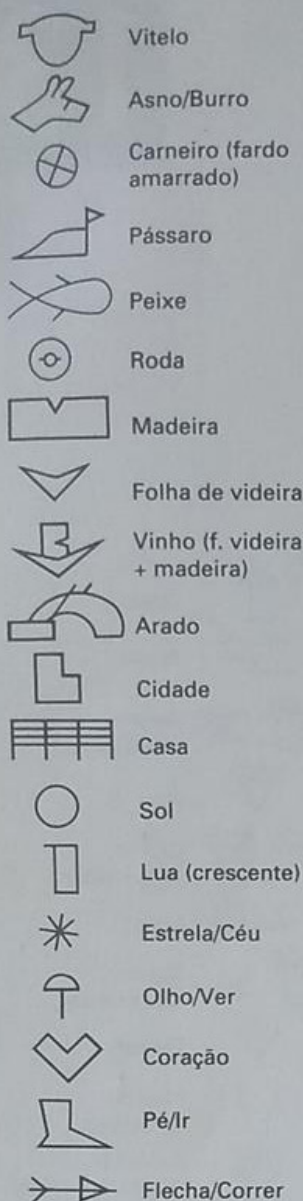
Uruk. As inscrições tinham como assunto anotações de contabilidade. Placas mais recentes tratavam da rivalidade entre as cidades de Umma e Lagash.



Placa de argila inscrita com sumerogramas. Datada de 3000 a.C. aproximadamente, a placa traz uma lista de alimentos. Museu Ashmolean, Oxford, Inglaterra.

	Boca
	Água
	Beber (boca+água)
	Pão
	Comer (boca+pão)
	Mão
	Rezar (boca+mão)
	Cereal
	Medida de cereais
	Comprar (medida + cereal)
	Touro
	Montanha
	Touro selvagem
	Mulher
	Homem
	Coroa/Grande
	Rei
	Grama
	Cabrito
	Vaca leiteira

Sumerogramas.



Sumeriogramas.

**Trecho de inscrição
cuneiforme encontrada no
rochedo de Behistun.
Foi o instrumento-chave
para decifrar a escrita
mesopotâmica.**

ESCRITAS PICTOGRÁFICAS E IDEOGRÁFICAS

Os achados de milhares de inscrições permitiram a reconstituição de diversas fases pelas quais passou a escrita mesopotâmica. Inicialmente, os símbolos e seus significados coincidiam, ou seja, para representar a palavra sol, por exemplo, faziam um desenho circular. Qualquer pessoa, de qualquer lugar, poderia ler "sol". Essa escrita é denominada *pictográfica*. Mais tarde os desenhos feitos eram usados com o objeti-

vo de exprimir uma idéia. Sol, nesse caso, poderia significar "calor". A escrita passava, assim, a ser *ideográfica*. Posteriormente, veio a tornar-se *silábica*: cada desenho representava um som. Combinando vários desenhos, podia-se formar uma palavra. Com o passar do tempo, a escrita se tornou *alfabética*. Essa evolução, entretanto, não ocorreu na Mesopotâmia, mas entre os fenícios muitos séculos mais tarde.

As placas mais antigas encontradas em Uruk utilizavam cerca de 2 mil símbolos diferentes. Mais tarde, esse número foi reduzido para seiscentos, o que demonstra ter havido um progresso na técnica da escrita, que se tornou mais simples.

A escrita cuneiforme e sua decifração

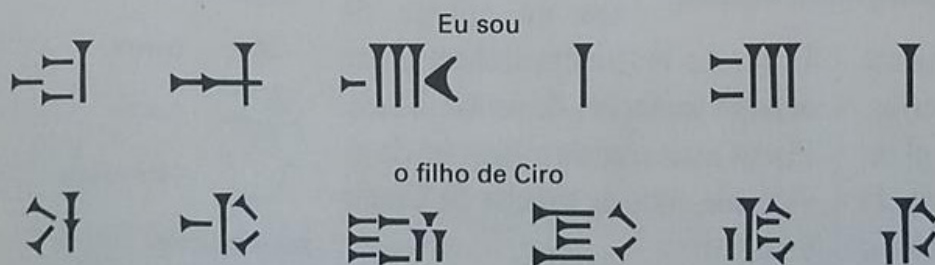
Os símbolos da escrita dos sumérios eram formados por meio de riscos, o que tornava difícil sua transcrição nas placas úmidas de argila. Por essa razão, com o tempo, passou a ser utilizada uma haste que imprimia os sinais tal como uma cunha. Daí a pa-

lavra "cuneiforme", adotada para designar essa nova fase da escrita.

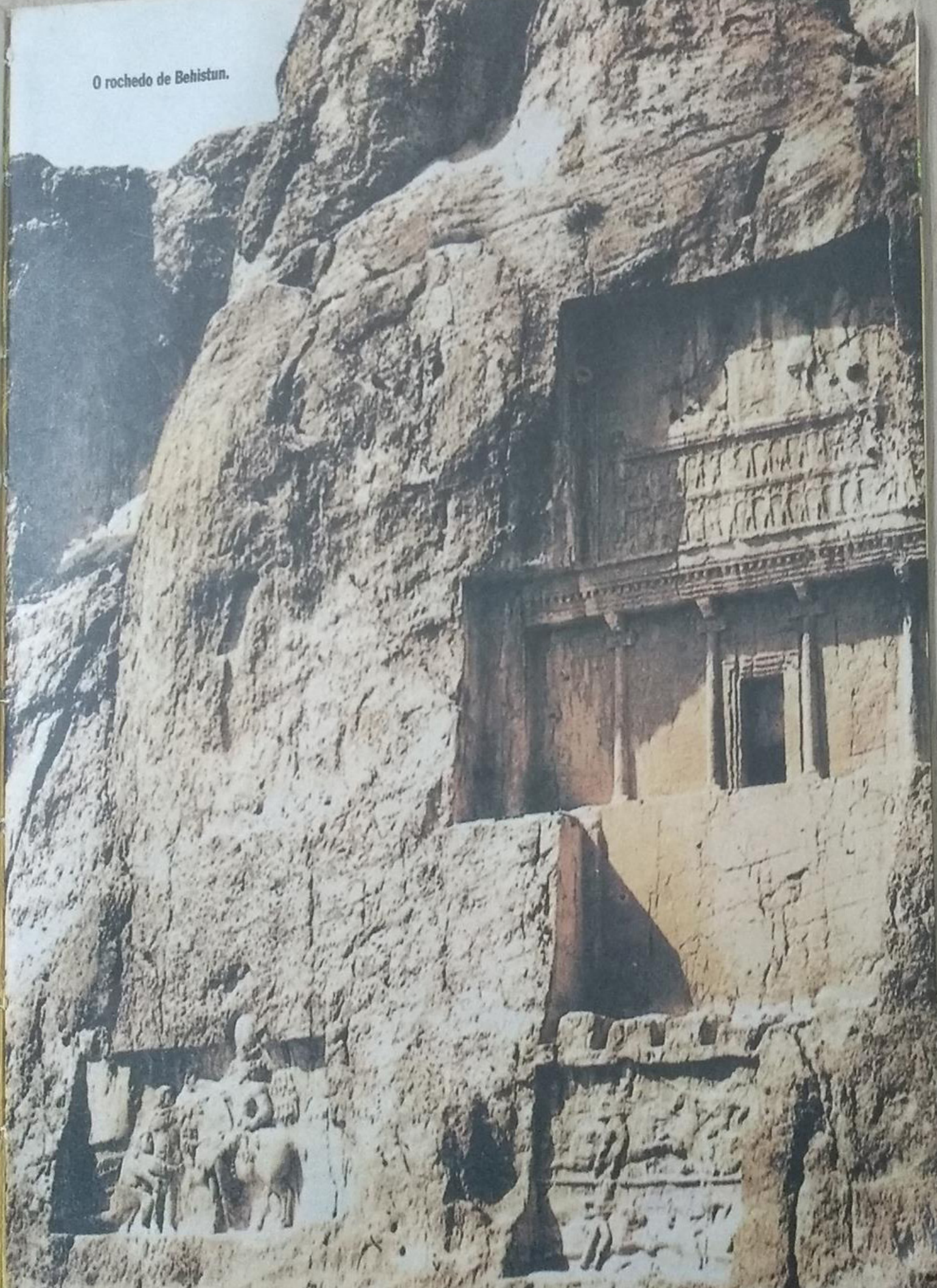
Os escribas — pessoas que sabiam ler e escrever — tinham a tendência de simplificar muito os símbolos que gravavam em suas placas de argila. Com isso, alguns deles sofreram tantas modificações que é difícil ver, no desenho cuneiforme, o símbolo inicial da escrita suméria que lhe deu origem.

A decifração da escrita cuneiforme resultou do esforço de inúmeros sábios, entre eles o alemão Georg Grotefend, o primeiro a conseguir entender o significado de alguns sinais. Mais tarde, um inglês chamado Henry Rawlinson conseguiu decifrar a escrita cuneiforme em sua totalidade. Ins-

crições existentes num rochedo localizado nas cercanias de Behistun, norte do Iraque atual, facilitaram os trabalhos de decifração.



O rochedo de Behistun.



Grotefend iniciou a decifração dos cuneiformes, tarefa que foi completada por Rawlinson.



Georg Grotefend



Henry Rawlinson

Escrita em três tipos de cuneiformes, um deles utilizado pelos persas, a inscrição de Behistun, que se referia às vitórias do rei Dario I, forneceu a chave para a tradução definitiva da língua escrita dos antigos sumérios.

Depois disso, a página oculta da história dos mesopotâmios pôde ser finalmente aberta. As inscrições que foram sendo conhecidas a partir de então revelaram, além de listas com nomes de reis, documentos oficiais e uma literatura riquíssima, que incluía textos religiosos, históricos, fábulas, provérbios, cartas, códigos de leis e histórias de caráter fantástico.

A literatura dos sumérios e dos babilônios

Devemos ao rei assírio Assurbanípal grande parte do conhecimento da literatura mesopotâmica. Nas dependências do palácio real foram encontradas mais de 20 mil

placas de argila que formavam sua biblioteca. O rei tentou reunir todas as obras de valor existentes em sua época, e isso permitiu que a maior parte da literatura elaborada na Mesopotâmia fosse preservada.

As escavações realizadas em Mari, no palácio do rei Zimri-Lim, contemporâneo de Hamurabi, também revelaram milhares de inscrições.

Até nossos dias, continuam a ser encontradas milhares de inscrições, e quase não há tempo para traduzi-las. O excesso de documentos escritos deixado pelos mesopotâmios chega a dificultar o próprio avanço de nossos conhecimentos sobre eles.

A literatura mais antiga

As dezenas de milhares de plaquinhas de argila que foram e continuam a ser encontradas na Mesopotâmia trouxeram à luz, como vimos, toda uma época da

história do homem que tinha sido apagada pelo tempo. As inscrições mostram como era a vida comum no período recuado da história da região.

As obras literárias permitem uma visão diferente da época em que são escritas. Revelam as crenças, o modo de pensar e a psicologia do povo que as elabora, e não devem ter sido conhecidas diretamente pelo povo, que, em sua maioria, não sabia ler. Entre elas destacam-se a *Epopéia de Gilgamés*, o *Mito da Criação* e o *Poema do Justo Sofredor*.

A *Epopéia de Gilgamés* relata as façanhas realizadas pelo herói que lhe deu o nome, homem fortíssimo que participou de inúmeras aventuras que envolvem monstros, deuses e animais. Gilgamés foi o quinto rei da cidade de Uruk, e teve, na tradição dos sumérios, uma tal valorização de suas obras que foi elevado à categoria de herói.

O conhecimento da *Epopéia de Gilgamés* foi devido às escavações arqueológicas realizadas em Nínive. A obra foi encontrada na biblioteca do rei Assurbanípal. Uma das surpresas reveladas pelo texto foi o fato de que ele inclui uma descrição do dilúvio universal muito mais antiga do que aquela existente na Bíblia. A *Epopéia de Gilgamés* relata a história de Ut-Napishtin, que vivia na cidade de Shurruk e recebeu, dos deuses, a ordem de construir uma embarcação para salvar-se do dilúvio.



O lendário herói Gilgamés doma um leão. Relevo em alabastro (século VIII a.C.). Museu do Louvre, Paris.

A DESCRIÇÃO DO DILÚVIO

NA BÍBLIA

“Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem na terra (...). E o Senhor disse: ‘Vou exterminar da face da terra o homem que criei e com ele os animais, os répteis e até as aves do céu (...).’

Mas Noé encontrou graça aos olhos do Senhor.

‘(...) Constrói para ti uma arca de madeira resinosa, divide-a em compartimentos e calafeta-a com piche por dentro e por fora. A arca terá as seguintes dimensões: 150 metros de comprimento, 20 de largura e 15 de altura (...). Contigo, porém, estabelecerei minha aliança: entrarás na arca com teus filhos, tua mulher e a mulher de teus filhos. E de cada ser vivo (...) farás entrar dois de cada espécie, um macho e uma fêmea (...).’

(...) Choveu sobre a terra quarenta dias e quarenta noites (...).

(...) No dia 27 do sétimo mês a arca pousou sobre os montes Ararat.

(...) Saiu pois Noé da arca com seus filhos, a mulher e a mulher de seus filhos. E saiu também todo ser vivo (...). Noé construiu um altar para o Senhor (...) e ofereceu holocaustos sobre o altar (...)” (*Gênesis 6-8*).

NA EPOPEIA DE GILGAMÉS

“A balbúrdia da humanidade é intolerável (...). Assim os deuses concordaram em exterminar a humanidade (...).

‘Homem de Shurupak, (...) desmancha tua casa e constrói um barco (...). E estas são as medidas da barca (...) que seu vau seja igual ao seu comprimento, que seu convés tenha um teto, (...) então leva no barco a semente de toda criatura viva (...).’

Por seis dias e seis noites os ventos sopraram, torrente e tempestade e inundação engolfaram o mundo (...).

(...) apareceu uma montanha, e ali a barca aportou fixando-se na montanha de Nisir (...).

‘(...) fiz um sacrifício e derramei uma libação no topo da montanha (...).’ ”

O *Mito da Criação* (*Enuma Elish*) é obra mais recente que a *Epopeia de Gilgamés*. Conta, entre outras histórias, a da criação do homem pelo deus Enlil, que teria utilizado argila misturada com sangue divino para realizar sua obra.

Em Babilônia, na época dos cassitas, foi elaborada uma obra cheia de pessimismo e lamentações, conhecida como *Poema do Justo Sofredor*. Trata-se da história de um indivíduo que, em sua vida, passou por uma série de desventuras. Alguns autores vêem nesse poema uma espécie de versão babilônica do *Livro de Jó*, que faz parte da Bíblia.

Além das obras citadas, os mesopotâmios elaboraram também muitas outras, como o *Mito de Etana*, o *Mito de Adapa* e o *Mito de Atrahasis*. Nelas transparece a preocupação com a fatalidade que acompanha o destino do homem em sua passagem sobre a Terra, e também a valorização da idéia da busca da imortalidade, que seria um dos objetivos principais da humanidade.

Os mesopotâmios não escreveram contos ou romances, mas as histórias encontradas em sua literatura demonstram toda sua força de imaginação, além de uma fina sensibilidade com respeito à condição difícil da vida do homem sobre a Terra.

A entrada dos animais na arca. Detalhe da pintura de Jacopo Bassano (século XVI).



O desabrochar da arte

Arte: expressão da fé

Na Idade Antiga, a arte foi influenciada basicamente pela religião. Somente os sacerdotes — entre os quais estavam os próprios reis — possuíam os recursos necessários para investir em obras de arte. Por esse motivo, as manifestações artísticas da época (literatura, arquitetura, escultura, pintura e música) destinavam-se à glorificação dos reis e ao engrandecimento da fé.

Não chegaram aos nossos dias os nomes dos artistas que existiram na Mesopotâmia. Ao que tudo indica, a arte encomendada pelos reis e pelos sacerdotes teve sempre caráter anônimo.

A pobreza material e o desenvolvimento artístico

A Mesopotâmia, como já vimos, é uma região pobre em recursos naturais. A falta de pedras, madeira e metais obrigou os mesopotâmios a se valerem da argila — material abundante em todo o território — para levantar suas construções. Em algumas delas, a utilização de troncos de palmeiras resolvia parcialmente o problema da falta de madeiras. Nos templos e nos palácios, entretanto, eram usadas vigas de cedro, que vinham de fora.

Argila e betume, materiais disponíveis em maior escala, foram empregados nas construções de ca-

A MURALHA DE BABILÔNIA DESCRITA POR SEU DESCOBRIDOR

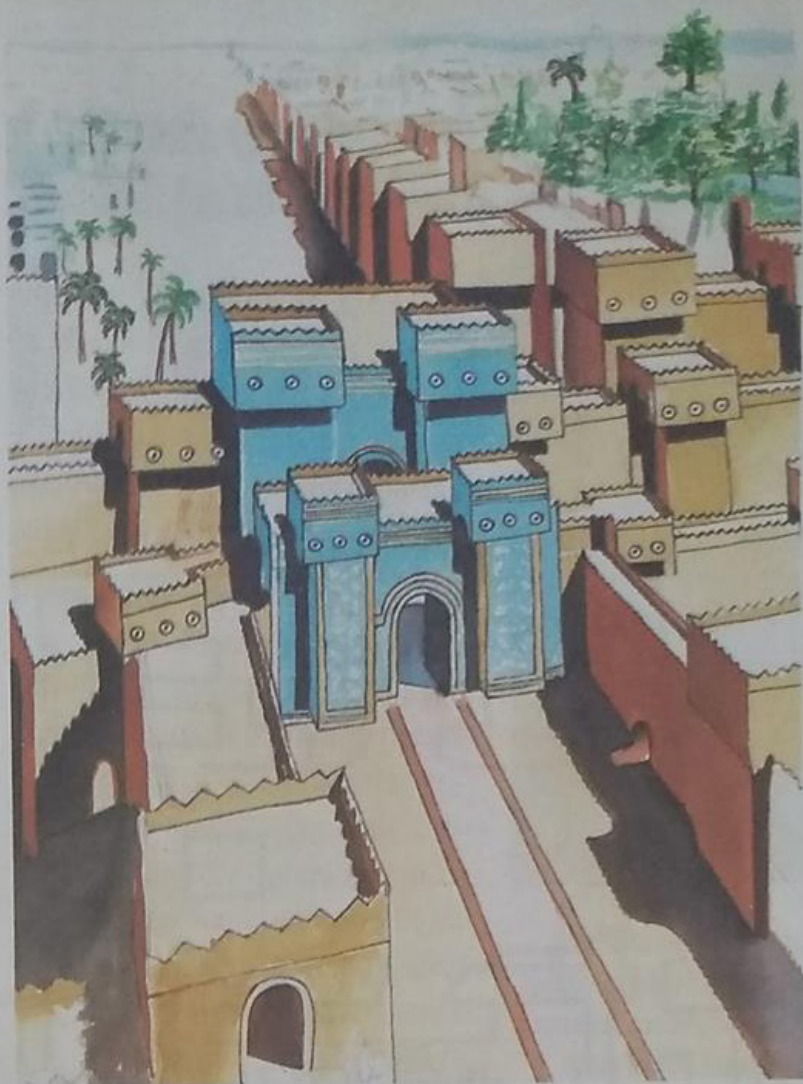
"No tempo de Nabucodonosor, o viajante que se aproximasse da capital da Babilônia, vindo do norte, se encontraria defronte do muro colossal que circundava a poderosa cidade. Parte desse muro ainda existe e é reconhecível, nos tempos atuais. (...) Havia um muro maciço de tijolo cru, de 7 metros de espessura, à frente do qual, num intervalo de cerca de 12 metros se erguia outro muro de tijolo cozido, de 7 a 8 metros de espessura. (...) sobre o muro havia torres de 8,37 metros de largura, que se projetavam de ambos os lados. Medidas de centro a centro, essas torres distavam 52,5 metros uma da outra (...)." (Robert Koldewey, *Os muros de Babilônia*, in C.W. Ceram, *O mundo da Arqueologia*.)

sas, muralhas, templos e palácios mesopotâmicos. Um trecho da Bíblia se refere a esses problemas materiais enfrentados pelos povos da região: "(...) Os tijolos lhes serviam de pedra e o betume, de argamassa (...)" (*Gênesis 11, 3*).

A cidade dos homens

A cidade foi uma "invenção" dos mesopotâmios. Os núcleos urbanos recentemente encontrados na Ásia Menor não preenchiam todas as características que podemos encontrar naqueles que estavam localizados nas proximidades dos rios Tigre e Eufrates. Kalah, Nínive e Babilônia foram cidades mesopotâmicas construídas com critério urbanístico mais elaborado. Em Babilônia, existiu uma larga avenida onde, provavelmente, eram feitas procissões. Essa avenida, ladeada por muros enfeitados com relevos e cobertos com uma camada de esmalte azulado, se estendia por 300 metros e tinha 22 metros de largura.

Além dos templos e dos palácios, as muralhas foram outra característica importante das cidades da Mesopotâmia. Desde o início da história dos sumérios, elas foram um dos distintivos das cidades. Uruk, talvez a mais antiga de todas, era rodeada de muros desde os primeiros tempos. Em Babilônia, sobre a muralha dupla que defendia a cidade era possível a passagem de um carro puxado por quatro cavalos.



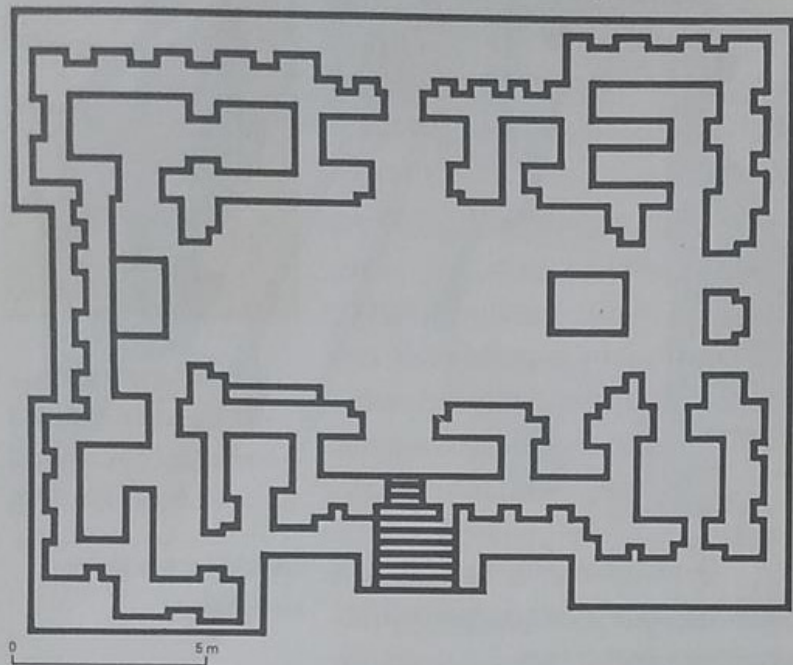
O revestimento externo das muralhas era marcado por estrias verticais, que davam à construção um aspecto mais estético. A argila utilizada nas construções era misturada com palha; para ter maior consistência. Mesmo assim, o material era muito frágil, e as muralhas se esboroavam com o passar do tempo.

**Avenida das procissões,
em Babilônia.**

Os mesopotâmios desenvolveram bastante as técnicas de engenharia hidráulica. As cidades que construíam eram servidas, muitas vezes, por um eficiente serviço de abastecimento de água. Em Nínive, o rei Senaqueribe construiu um aqueduto de 280 metros de comprimento, para o qual foram utilizados 2 milhões de blocos de pedra calcária.

A morada dos deuses e a casa dos reis

Para os arquitetos mesopotâmicos, um problema difícil de resolver era a fragilidade da matéria-prima de que dispunham. Outra dificuldade estava em fazer construções que resistissem às águas das cheias.



Planta do templo de Eridu.

Por isso os templos e os palácios eram construídos sobre enormes aterros, ou eram utilizadas pedras na edificação da base das construções.

As paredes dos edifícios tinham obrigatoriamente uma grande espessura, que alcançava cerca de 6 a 8 metros. Se não fossem tão espessas, correriam o risco de desabar. A colocação de janelas, mesmo pequenas, era também problemática, pois representava um enfraquecimento da estrutura.

A vantagem da utilização do adobe estava em servir como excelente isolante contra o calor tórrido da região. A cobertura dos edifícios

desafiava também o engenho dos arquitetos diante da falta de madeira. Para cobrir os edifícios, os mesopotâmios inventaram a abóbada e a cúpula, que construíam com tijolos.

Os templos

Os templos, com seus zigurates, dominavam a paisagem das cidades. Sua construção e manutenção eram uma constante fonte de preocupação para os reis. Por volta de 2900 a.C., Lagash contava com cinquenta templos, o mesmo número existente em Babilônia cerca de 23 séculos mais tarde.

A disposição interna das dependências dos templos era parecida em todas as cidades. No centro da construção havia um pátio onde ficava um altar; nos fundos, um compartimento não muito grande — a cela — abrigava a estátua do deus a que era consagrado o templo. Em torno do pátio estavam os depósitos, as habitações, as oficinas e demais dependências.

Os zigurates eram edificadas com suas arestas orientadas na direção dos pontos cardeais. O zigurate de Ur, consagrado à deusa Nanna, é, entre todos, aquele que chegou a nossos dias em melhores condições. O mais famoso de todos eles foi, entretanto, aquele construído na Esagila, o templo mais importante de Babilônia. Conhecido pelo nome de *Etemenanki* (casa dos fundamentos do Céu e da Terra), a enorme construção inspirou os hebreus no relato bíblico sobre a Torre de Babel.

Os palácios

Os palácios mesopotâmicos eram verdadeiras fortalezas. Exageradamente grandes, ocupavam, muitas vezes, a maior parte da área das cidades em que eram edificadas. O maior de todos foi o de Sargão II da Assíria, construído em Corsabad, perto de Nínive. Tinha uma superfície de 30 hectares e contava com duzentas dependências.

O palácio de Zimri-Lim, rei de Mari, ocupava 3 hectares, tinha 260 dependências e era uma verdadeira vila fortificada dentro da cidade. O palácio de Nabucodonosor, em Babilônia, ficava provavelmente no local em que se encontram as ruínas dos famosos Jardins Suspensos, uma das Sete Maravilhas do Mundo antigo.

A escultura na Mesopotâmia

A escultura mesopotâmica também sofreu influência religiosa. Não alcançou a importância e a grandiosidade da escultura egípcia; a falta de pedras foi, com certeza, um dos motivos para não ser tão desenvolvida.

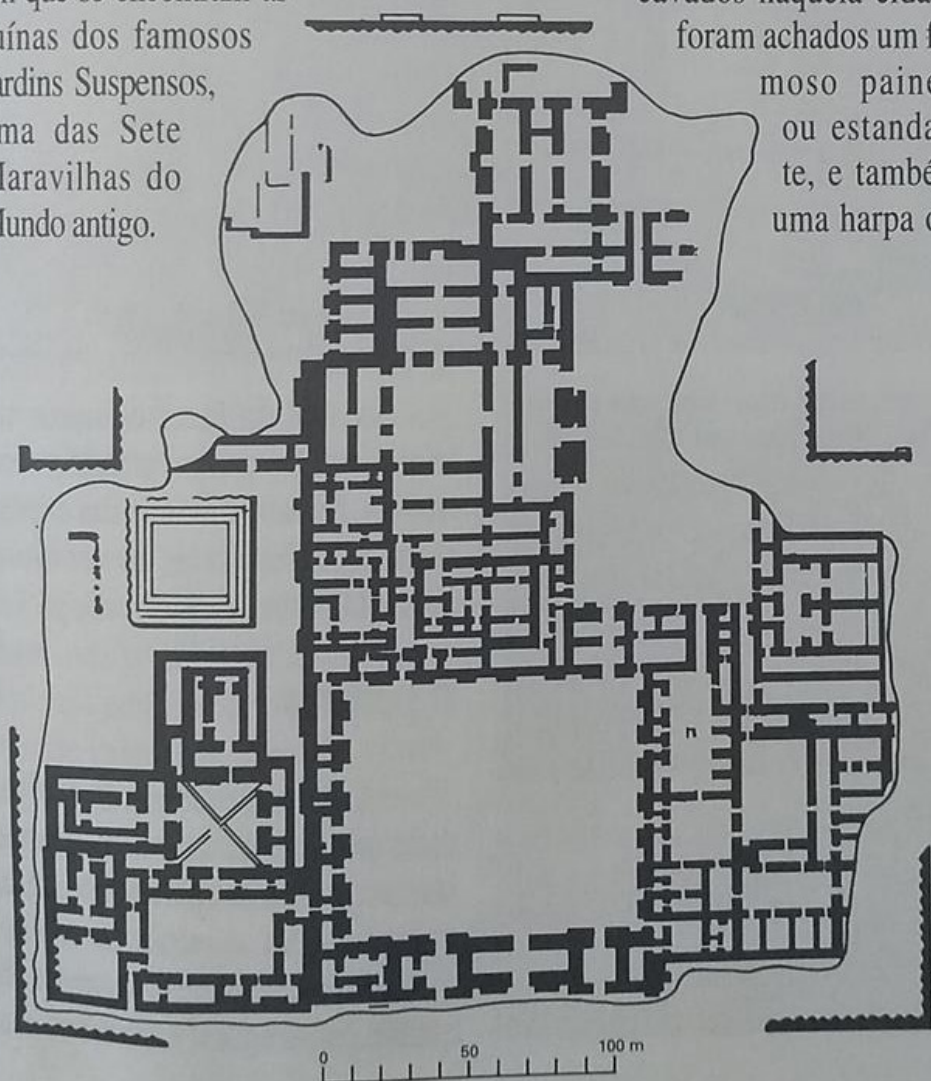
As estátuas mesopotâmicas raramente representavam mulheres; os rostos não eram expressivos e o sorriso era muito raro.

As manifestações mais antigas de escultura foram encontradas em Ur. Nos túmulos reais es-

cavados naquela cidade foram achados um famoso painel, ou estandarte, e também uma harpa or-



Estatueta da deusa babilônica Ishtar, divindade semítica que deu origem à deusa fenícia Astartéias (século IV a.C.).



Planta do palácio de Sargão II, em Corsabad.

Cabeça de touro que ornamentava uma lira encontrada nos templos de Ur (cerca de 2500 a.C.). Para os sumérios, os touros simbolizavam força e fertilidade. Trabalho em ouro e lápis-lazúli sobre madeira. Museu Universitário, Filadélfia.

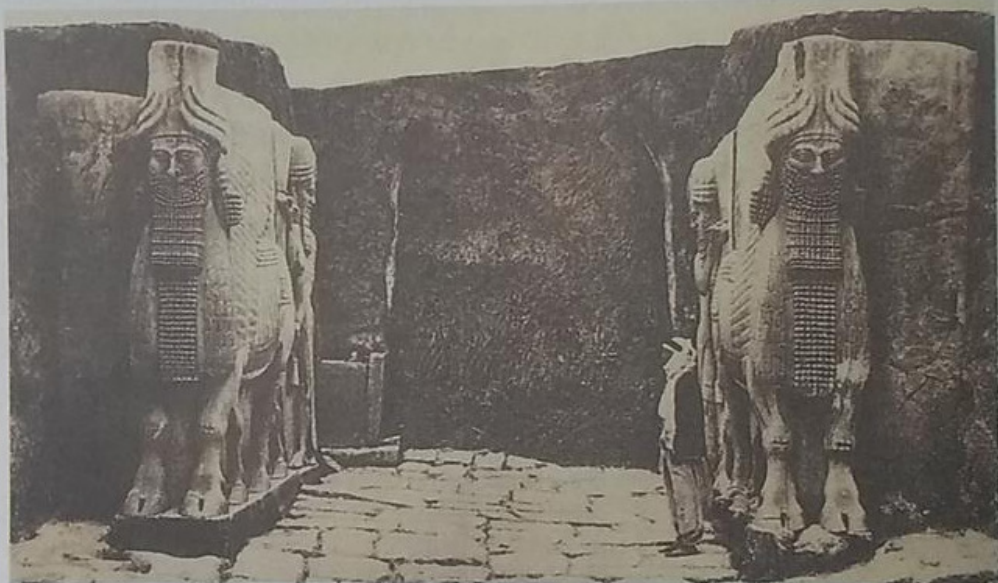


namentada com a cabeça de um touro.

O rei Gudéia, de Lagash, foi o soberano mais retratado em toda a história da Mesopotâmia. Foram encontradas cerca de trinta estátuas representando sua figura. A Estela de Hamurabi é também uma das manifestações da

palácio de Sargão II foram encontradas estátuas enormes de touros alados com cabeça humana, com mais de 4 metros de altura e 30 toneladas de peso. Os relevos executados pelos artistas assírios são os mais elaborados de toda a história da arte, e chegaram à perfeição principalmente na representação de animais. No palácio de Cor-sabad, os relevos que ornamentam as paredes estendem-se por cerca de 2 quilômetros.

Touros alados com rosto humano. Essas estátuas colossais, com mais de 4 metros de altura, ladeavam um dos portais do palácio de Corsabad (século VIII a.C.). Museu do Louvre, Paris.



A leoa ferida. Expressão máxima do realismo alcançado pelos artistas assírios. Baixo-relevo em alabastro (século VII a.C.). Museu Britânico, Londres.



escultura mesopotâmica mais importantes que sobreviveram ao Primeiro Império Babilônico.

As esculturas mais ricas foram deixadas pelos assírios. No

A arte de fazer cilindros em relevo, usados como verdadeiros carimbos, foi também uma das expressões significativas da escultura mesopotâmica.

A pintura

As obras de pintura da Antigüidade que sobreviveram foram aquelas executadas nas paredes de alguns palácios. Na Assíria, a pintura recobria grande parte das paredes daquelas construções. Como nos dias

de hoje, o uso da pintura objetivava embelezar o ambiente interno das edificações, que, assim, ganhavam um aspecto mais alegre e acolhedor.

Poucos afrescos — pinturas executadas enquanto a massa que recobre as paredes ainda não está solidificada — sobreviveram. Entre eles alguns foram encontrados no palácio de Mari.

A música e as artes menores

A música e a dança serviam de acompanhamento aos atos religiosos dos mesopotâmios. Os instrumentos musicais eram muitos: chocalhos, flautas, harpas, liras, tambores, trompas e trombetas. Desconhecemos os sons das melodias daquela época longínqua, pois não existiam, ainda, processos de notação musical.

Nos túmulos reais de Ur foram encontradas liras e harpas e o famoso estandarte, em que vemos uma cantora em ação, atrás de um músico que a acompanha ao som da lira.

As artes menores também foram desenvolvidas. A *cerâmica*, favorecida pela invenção do torno de oleiro, permitiu a fabricação em série de inúmeros tipos de vasos. A *glíptica*, arte de fazer sinetes e também cilindros em relevo, chegou à perfeição; a *incrustação* esteve presente na arte suméria desde os primeiros tempos de Ur, quando também a *ourivesaria*, arte

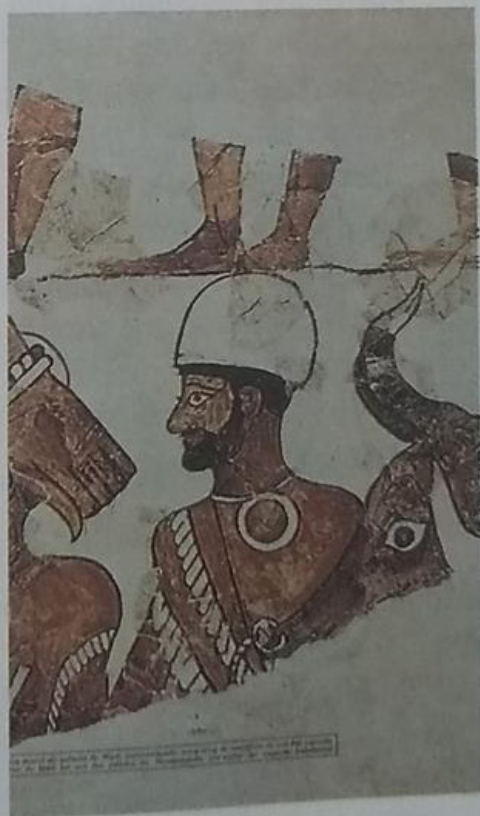


de fabricação de jóias, já era uma arte amadurecida.

Considerando as dificuldades encontradas pelos mesopotâmios para desenvolver suas manifestações artísticas, podemos compreender por que a arte, na região em que viveram, não alcançou o esplendor e a grandiosidade atingida entre os egípcios.

Mesmo assim, no entanto, as artes da “região entre rios” deixaram registrada, indelevelmente, sua passagem no tempo e na História.

Selo cilíndrico proveniente de Uruk (à esquerda) e sua impressão sobre argila (cerca de 3000-2700 a.C.). Museu Ashmolean, Oxford, Inglaterra.



Pintura mural originária do palácio real de Mari (século XVIII a.C.), representando uma cena de sacrifício. É uma das poucas obras da pintura mesopotâmica que chegou até nossos dias. Museu do Louvre, Paris.



Conclusão

As civilizações que floresceram na região do Crescente Fértil foram as primeiras que surgiram na face da Terra. A importância que tiveram sobre a civilização ocidental, que em nossa época influencia o mundo inteiro, foi muito grande.

As grandes religiões, o uso da escrita, os sistemas de leis, as estruturas políticas e econômicas, as expressões culturais da atualidade têm seus alicerces mergulhados nas civilizações daquela região.

Até hoje não foi possível para os historiadores determinar, com certeza absoluta, qual foi a primeira civilização que surgiu entre todas que desabrocharam no Crescente Fértil. De qualquer modo, não é tão importante para nós a solução desse problema. O que não podemos ignorar é a herança cultural que aqueles povos antigos deixaram para a posteridade.

A antiga civilização que surgiu na região entre os rios Tigre e

Eufrates deixou, como pudemos ver, uma contribuição impressionante para a civilização. Partindo do nada, sem modelos para copiar, sem experiências anteriores para tomar como base, os povos da Mesopotâmia elaboraram uma cultura refinada que, mais tarde, influenciou a cultura de inúmeros outros povos.

Não sabemos se a Mesopotâmia foi, como afirmou o historiador norte-americano Samuel Noah Kramer, o “berço da civilização”. Contudo, quando examinamos as inscrições antiquíssimas encontradas nas ruínas de suas cidades, ou quando observamos os restos monumentais de suas obras de arte, realizadas tantos milênios antes de nossa era, chegamos à conclusão que, nas terras antigas do Iraque moderno, a humanidade, ao despertar da noite da Pré-História, assistiu, porventura pela primeira vez, ao amanhecer da civilização.

Linha cronológica da história da Mesopotâmia

ACONTECIMENTOS	DATAS (a.C.)	
Primeiras dinastias em Uruk e Kish.	3200	IMPÉRIO SUMÉRIO
Primeiros templos em Assur e Nínive.	3000	
Primeiro rei histórico: Mesilim de Kish.	2800	
Primeira dinastia em Ur (Mesani-Pada).	2500	
Sargão I de Acad vence Lugalzagesi.	2330	
Governo de Naram-Sin, "deus de Acad".	2254	
Gudéia em Lagash (até 2122).	2141	
III Dinastia de Ur (Ur-Nammu, Código).	2111	
Destruição de Ur pelos Elamitas.	2000	
Shamshi-Adad I (amorita) na Assíria.	1814	ANTIGO IMPÉRIO CALDEU
Hamurabi em Babilônia.	1793	
Tomada de Babilônia pelos cassitas.	1530	IMPÉRIO ASSÍRIO
Elamitas tomam Babilônia; fim dos cassitas.	1160	
Assíria conquista Babilônia.	1083	
Tukulti-Ninurta II na Assíria.	891	
Regência de Samuramat (Semíramis).	809	
Tiglat-Falasar III reorganiza o império assírio.	746	
Sargão II (Assíria): início da dinastia sargônida.	722	
Senaqueribe na Assíria (até 681).	705	
Assaradão na Assíria.	681	
Assurbanípal (Assíria) destrói Tebas.	669	NOVO IMPÉRIO CALDEU
Tomada de Nínive; fim do império assírio.	612	
Nabucodonosor II em Babilônia (até 562).	604	DOMINAÇÃO PERSA
Ciro da Pérsia toma Babilônia.	539	
	331	
Alexandre Magno toma Babilônia.		

Bibliografia

- AMIET, Pierre. *Les civilisations antiques du Proche-Orient*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
- ATLAS HISTORIQUE STOCK. s.l., Librairie Stock, 1968.
- BERGAMINI, David. *As Matemáticas*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1968.
- BOLTHAUSER, João. *História da Arquitetura*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura da UFMG, 1963.v. 1.
- BOUZON, Emanuel. *As cartas de Hamurabi*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1986.
- . *O Código de Hamurabi*. 2. ed. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1976.
- CARREIRA, José Nunes. *Estudos de cultura pré-clássica*. Lisboa, Editorial Presença Ld., 1985.
- CASSIN, Elena (et alii). *Los imperios del antiguo oriente*. 15. ed. México, D.F., Siglo Veintiuno Editores, 1986.
- CERAM, C.W. *O mundo da Arqueologia*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1970.
- CHILDE, V. Gordon. *O que aconteceu na História*. 4. ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- CONTENEAU, Georges. *A civilização de Assur e Babilônia*. Rio de Janeiro, Otto Pierre Editores, 1979.
- CROUZET, Maurice (org.). *História Geral das Civilizações*. 4. ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965.

- EPOPÉIA DE GILGAMÉS. São Paulo, Hemus Editora Ltda. (s.d.)
- GARELLI, Paul. *El próximo oriente asiático*. Barcelona, Editorial Labor S.A., 1978.
- HAMDANI, Amar. *Suméria, a primeira grande civilização*. Rio de Janeiro, Otto Pierre Editores, 1978.
- HERÓDOTO. *História*. Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica S.A., 1968.
- IRAQ. *Guía turística*. Bagdá, State organization for tourism, 1982.
- KRAMER, Samuel Noah. *Mesopotâmia, o berço da civilização*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969.
- LÉVÊQUE, Pierre. *As primeiras civilizações*. Lisboa, Edições 70 Ld., 1990. v. 2.
- MC EVEDY, Colin. *Atlas da História Antiga*. São Paulo, Editora Verbo-Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- MELLAART, James. *Villes primitives d'Asie Mineure*. Paris-Bruxelas, Sequoia-Elsevier, 1969.
- MELLA, Federico A. Arborio. *Dos sumérios a Babel*. São Paulo, Hemus Editora Ltda. (s.d.)
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. São Paulo, Livraria Martins Fontes-Editora da Universidade de Brasília, 1982.
- RONAN, Colin A. *História ilustrada da Ciência*. São Paulo, Círculo do Livro, 1987. v. 1.
- TAVARES, António Augusto. *Economia e História Antiga*. Lisboa, Editorial Presença Ld., 1987.
- . *Estudos da Alta Antiguidade*. Lisboa, Editorial Presença Ld., 1983.
- WHEELER, Sir Mortimer. *L'Inde avant l'Histoire*. Paris-Bruxelas, Sequoia-Elsevier, 1967.



COLEÇÃO
DESAFIOS

Olavo Leonel Ferreira

MESOPOTÂMIA

O amanhecer da civilização

Somente no século XIX, a árida paisagem mesopotâmica, revolvida pelas pás dos arqueólogos, revelou ao mundo um segredo de 5 mil anos.

Na região da Ásia Ocidental, banhada pelos rios Tigre e Eufrates, foram descobertos povos e cidades totalmente ignorados que, através de seus legados, puderam finalmente dar o testemunho de sua passagem pela Terra.

Este livro conta a história daquele episódio da vida da humanidade. Mostra, em uma abordagem clara e precisa, os sistemas de governo, as atividades econômicas, a vida social e a cultura dos povos que ficaram, por milênios, soterrados nas areias do deserto.

Olavo Leonel Ferreira, professor de História, nos conta, de forma suave, rica e envolvente, como foram, provavelmente, os primeiros dias de nossa civilização, nos permitindo assim partilhar daquele longínquo amanhecer.



ISBN 85-16-00794-4



9 788516 007942